



# **EXPERIMENTAL**

*Maravalhas*

**EXPERIMENTAL**  
*Um experimento mental*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE  
DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

**EXPERIMENTAL**  
*Nelson Maravalhas Junior*

1ª EDIÇÃO.  
BRASÍLIA, 2011.



© Nelson Maravalhas Junior, 2011

Concepção geral e textos NELSON MARAVALHAS JUNIOR

Prefácio e Revisão JULIANA DE SOUZA SILVA

Projeto Gráfico ANDRÉ MAYA MONTEIRO [CONTRAPONTO DESIGN]

Fotografias FERNANDO RIBEIRO e RODRIGO VIANA [miolo]

NELSON MARAVALHAS JUNIOR [*dust jacket*]

*Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Maravalhas Junior, Nelson [1956-]

M311e Experimental: Nelson Maravalhas Junior  
Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte da UNB, 2011.

224 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-89698-30-6

1. Arte e Literatura. 2. Artes Plásticas. 3. Poesia.  
I. Título.

CDD 700.457  
CDU 7.01

PREFÁCIO	07
INTRODUÇÃO	08
DOS TEXTOS	08
DAS IMAGENS	09
POESIA & PROSA TEÓRICA E CRÍTICA DE ARTE	12
FÁBULAS DOS PINTORES	62
IMAGENS	97

## **PREFÁCIO**

As artes plásticas acompanham Nelson Maravalhas Junior há mais de 35 anos. Paralelamente, o artista utilizava a escrita como um exercício intelectual sem qualquer pretensão de produzir literatura. Por ocasião da publicação de *EXPERIMENTAL*, Maravalhas decidiu selecionar uma série de textos inéditos que se referem a inquietações teóricas acerca da arte os quais demonstram uma estreita relação com a fonte das imagens de sua obra pictórica.

Alternando-se entre a mensagem explícita e o uso de metáforas e citações, Maravalhas reuniu seus escritos em duas categorias: a *POESIA & PROSA TEÓRICA E CRÍTICA DE ARTE* e as *FÁBULAS DE PINTORES*. Na primeira, trata de gêneros da pintura, dos ofícios ligados à arte, de convenções e normas do campo artístico, de métodos de criação. Na segunda, criou pequenas histórias sobre pintores reais e fictícios, uma versão reduzida do que fez William Beckford (1760-1844) em seu livro *Memórias Biográficas de Pintores Extraordinários*. O que une essas categorias é a variedade de motivos que produziram os textos: olhos, estátuas, locais, construções, marginais, loucura, teatro, materiais em arte, diatribes, retratos, filosofias, éfrases e isolamento. O leitor achará esses motivos no texto passando de um para outro sem rígidas fronteiras.

A apropriação indébita é um procedimento habitual em algumas de suas pinturas e desenhos. Como leitor, Maravalhas dialoga com ideias de vários autores, interferindo, fazendo transposições e, assim, se apropria de palavras, sentenças de todo tipo. Para quem encontrar trechos familiares nesses escritos, não será mera coincidência. Seu texto, deve-se dizer, às vezes parece a mais disparatada fantasia, mas, na verdade, alguma base de experiência, de conhecimento ou de citação coordena essas aparentes alucinações.

## INTRODUÇÃO

Este livro está cheio de impurezas, na medida em que o autor não está livre delas. Foi escrito com atitude de má-vontade para com palavras de ordem e consagrações imerecidas e, por esse fato, será condenado. Seu autor está longe de ser um mago alquimista e sentar-se à beira de um rio de pedra e chorar. Não psicografa mensagens, antes entende as conversas das mesas dos bares por meio de aparelhos especiais de escuta.

Todos os escritos contidos no livro tentam entender a mesma coisa, daí não saem do lugar, como o ridículo cachorro a morder o rabo. Mas não saem do lugar porque o problema está há muito tempo entronizado lá.

### DOS TEXTOS

Os escritos deste livro não são poesias, embora pareçam se apropriar de sua forma. São, na verdade, reflexões sobre o fenômeno da arte, mais precisamente da pintura, sob a forma de fábulas, às vezes apólogos, às vezes metáforas. Consideram-se como sendo escritos que teorizam e criticam a arte.

Essas quase-poesias, prosas retóricas, não aspiram à música, e quando algum ritmo acontece, é sincopado, e a acidental melodia, desafinada. A rima, marcha militar do pensamento, é fortuita, ocasional. Os escritos aqui são orientados à visualidade, à imagem mental do tipo plástico. E, dentro dessa tipologia, são representações figurativas. Eu não acredito em uma superioridade do abstracionismo ante a figura ou que ele seja uma subsequência natural dela. A figura pensa, a figura apresenta conceitos, é inteligente e propositiva. A abstração muitas vezes é uma triste, vazia e pretenciosa farsa. É a figura que é dramática, que oferece às claras a dinâmica dos mecanismos mentais.

É a figura que fala; o abstrato se cala, na hora da votação, se abstém. As imagens do livro são como o texto, figurativas também. E mais ainda, as imagens e o texto têm um modo de operação comum, *i.e.*, aquele da apropriação e da transposição. Isto equivale a dizer que, tanto texto, quanto imagem nascem de maneira semelhante.

Na procura pela fugaz psique, nós nos movemos de um lado para o outro entre cenários distintos: observação e teoria. Ao longo desses processos intelectuais – que lembram os 4 trabalhos dos sonhos de Freud – o pensamento pode principiar por conceitos abstratos, mas termina sempre, ao fim da rota, em uma imagem!

Mas é necessário dizer que o texto não explica as imagens, nem estas ilustram aqueles. São parcialmente autônomas e independentes e poderiam ser vendidas separadamente, caso não estivessem costuradas e coladas dentro de um mesmo objeto, o livro EXPERIMENTAL.

### DAS IMAGENS

As imagens deste livro foram criadas segundo um método bastante específico – o que dá o nome ao livro. É um método de criação orientado pelo acaso (sou profeta e sacerdote da religião do Deus do Acaso, o único deus que me é caro!). Diferentemente das obras apresentadas em meu outro livro, *A Tarefa Infinita* – em que crio partindo de imagens hipnagógicas ou de concepções alegóricas –, aqui o processo é mais lúdico e ligado poeticamente aos materiais.

As obras foram feitas quase sempre com base em algo achado, uma imagem ou um objeto. Sobre eles, pratico uma série de operações compositivas e atos físicos de transformações. Se for uma imagem impressa o que me caiu nas mãos - como as obras apresentadas em meu primeiro livro, *Interferências* -, procedo com correções e intervenções, sempre após uma camada protetora para que a tinta a óleo não ataque a celulose do papel. (Apesar de usar materiais não-nobres, tenho a preocupação com a durabilidade das minhas obras e, sabedor das particularidades de cada material, ajo com responsabilidade).

Nos trabalhos com coisas achadas, se encontra também o da mancha – mesmo aquela por mim produzida. É a partir desta coisa informe que é a mancha que projeto, como um paciente vendo um padrão Rorschach, imagens mentais e capturo-as por meio da fixação do pincel, do carvão, do pastel. Desenvolvo uma narrativa em seguida, pois nunca a forma por ela mesma é o objetivo final: a forma é o cavalo que leva um cavaleiro que conta histórias...

Se o que me prende o olhar é um material sólido tridimensional ordinário, crio ligações com outros, de natureza semelhante, onde as coincidências de forma, tamanho, dimensão, comandam minhas decisões. Um pedaço de pau que se encaixa em uma porca de parafuso já é um sinal de que o Deus do Acaso está a me comunicar que estou procedendo corretamente.

Mas é claro que não há qualquer Deus do Acaso! Sou ateu, e este deus é apenas uma translação para o que chamo de um Organizador Universal, isto é, padrões extensivos que fazem parte da constituição dos mais diferentes fenômenos ou materiais. No filme *Os Sonhadores* (*The Dreamers*), de Bernardo Bertolucci, um rapaz estrangeiro torna-se amigo de um casal de irmãos parisienses. Durante um jantar, após ser admoestado pelo pai deles por não estar prestando atenção ao seu discurso pretensioso sobre estética, o rapaz humildemente explica que estava observando como o isqueiro que tinha na mão se encaixava exatamente nos quadriculados da toalha de mesa. Para o rapaz, tal ajuste se devia a uma ordem única que ultrapassava o ordinário, visto que o mundo dos homens e a natureza se processavam de acordo com essa ordenação. O pai, atordoado, reconhece a pertinência da observação e a inteligência e sensibilidade do jovem amigo dos seus filhos.

Não sei se partilho dos bons atributos desse personagem, mas procedo segundo um entendimento semelhante: há uma ordem oculta, não mística; algumas leis físicas regem os materiais. EXPERIMENTAL conta e mostra um pouco do resultado de se seguir e de obedecer a essas leis.

Enfim, este livro será um púlpito a partir do qual quero pregar algumas heresias.

O isolamento deu-me espaço para criar uma obra. Evitando contatos e amigos em demasia, criou-se uma distância entre mim e os homens que tento suplantar pela imagem e pela palavra: pontes que falam, embora às vezes desabem.

As imagens e os textos são obras pessimistas, pois “já não há mãos dadas no mundo. Elas agora viajarão sozinhas. Sem o fogo dos velhos contatos, que ardia por dentro e dava coragem”. Mas viveremos, Carlos Drummond de Andrade.

†

EXPERIMENTAL compõe-se das séries:

Feticharias;  
Bi-Zara;  
Personagens vítreos;  
Legenda Áurea;  
Escultura de superfície;  
Pintura experimental;  
Pintura interferente.

††

## POESIA & PROSA TEÓRICA E CRÍTICA DE ARTE

*Ao Negro Louco Octávio Ignácio*

Eu queria ser um iluminador  
como aquele cavalo  
bípede e alado  
ilumina os homens  
com o postinho de luz  
que sua pata enlaça.

A tarefa infinita  
é transformar o pensamento em alguma coisa viva;  
assim ele torna-se vivo sendo Arte.

O que faz este projeto ser particularmente difícil e oneroso  
é a decepcionante expansão da ignorância treinada  
e do mal pensamento culto!

“Poesia” e “Artista”: palavras contaminadas por bactérias;  
tenho que usar máscara, luvas e óculos para tratar com elas  
(a vitória sobre os homens comuns envenenou a fonte da emoção).

♠ ♣ ♥ ♦

Criar a ideia em sua forma mais aguda,  
depois deixar quem especta  
sozinho diante dela.

Nem igual nem oposto,  
a Arte, da natureza, é o aposto.

♠ ♣ ♥ ♦

Os projetos sistemáticos e originais na arte padecem  
eternamente por uma dupla situação:  
a da compreensão intransigente e a da incompreensão vassala.

♠ ♣ ♥ ♦

A cobra, com a boquinha pintadinha de batom, beija a bochecha da estátua de gesso, enroscada em volta dos seus membros, sobre o pedestal no corredor central da Escola Nacional de Belas Artes do Distrito Federal.

Já na Academia dos Rebeldes, dança-se samba com arco-e-*flexa*!

♠ ♣ ♥ ♦

## ARS POETICA

Aqueles que tentam a conversa  
oscilamos entre o reter e o escapar  
entre construir e esquecer  
imaginar e as malditas pancadas na porta  
sonhar e o telefone que toca.  
Aqueles que conversam  
balbuciamos entre anciões,  
bebês, o descobrimento do mundo.

Oscilamos - esta é a palavra de torque  
entre o azul e a terra ferruginosa  
entre a árvore frutífera e o caminho fragoso.  
Construindo com tijolo e argamassa  
ou espalhando-se no ar como enorme fumaça.

♠ ♣ ♥ ♦

Encontrei em um sebo o livro que continha todas as formas do mundo  
das ideias. Comprei-o, levei-o para casa, passei a praticar magias e a ser  
o demiurgo do povo, seu operário, marceneiro-mor do mundo.

Mas passados uns dias, uma farpa voou e cegou-me um dos olhos.  
Desde então, as formas têm saído algo deformadas e os clientes,  
insatisfeitos.

♠ ♣ ♥ ♦

Meus olhos engolem o espelho do mundo.  
Quando pisco, mastigo e engulo os cacos:  
lágrima saliva, retina canina.

♠ ♣ ♥ ♦

Tenho 2 olhos:  
um é espelho, o outro é prisma;  
um serve de boca, o outro escuta coisas;  
um é sinistro, o outro otimista;  
um é dentista, o outro optometrista;  
um rebate, o outro concentra;  
um reflete, o outro distorce.  
Tenho 2 olhos,  
cada um pertence a um dono,  
um deles é Bausch, o outro é Lomb;  
um deles constrói, já o outro faz dano.  
Um é descalço, o outro anda de salto.

♠ ♣ ♥ ♦

Eminência parda  
dentro de olhos opacos.  
Em vez de musas, parcas  
guiando os passos.  
Música dura  
para traduzir essa imagem.

♠ ♣ ♥ ♦

*Para Cecília, Cildo e João*

Em que espelho cego  
ficou retida a minha faca só lâmina  
e o relógio furado à bala?

♠ ♣ ♥ ♦

Nasci de um pai (evidentemente), mas escuto os conselhos de um tio.  
Falou-me ele de um cristal novíssimo, com 4 faces iguais, em cada lado um  
desígnio em sucessão natural: sono, morte, sonho e pulverização. >>

Através dele quis ver o que não vêem olhos humanos:  
o redemoinho de sordícies dentro do arranha-céu em chamas.

Colocarei, mais uma vez, sobre minhas retinas  
um pouco de cinzas para rebaixar a acidez da visão.

♠ ♣ ♥ ♦

#### DEPOSITÁRIO

*Para N.V.*

Sobre a cortina escura  
das pálpebras abaixadas  
labaredas se levantam  
ásperas e alaranjadas  
atrás de um coração  
tecido em fios de cobre.

Vem por cima dos olhos  
nervosa e impositiva  
a sombra escurecida  
prega a forma invertida,  
água-forte, nítrica,  
sobre as retinas  
de cera-mole.

♠ ♣ ♥ ♦

#### ADOLF CRISTO

*Para Torres Quintanilha*

A boca escancarada de Hitler é o olho de Jesus esbugalhado. Já a pupila de Cristo está dentre os dentes preferidos de Adolf, que chupa essa pupila como se fosse balinha. Quando Jesus fecha o olho, Hitler se cala. Quando Adolf discursa, Jesus desembesta a piscar. >>

No adormecer de Cristo, Hitler emudece. Ao falar, um emite a visão de mundo do seu duplo. Quando Jesus vocifera contra os vendilhões, tem na boca o olho vigilante de Hitler. Na cruz católica, a boca descaída significa que na cruz esvástica o nazista está mesmo cego. Adolf se sonha como o Grande Inquisidor e já seu olho caça pecados e bruxas. Já Cristo sonha com vinganças à sua própria raça carrasca. Jesus Cristo ascende do bunker; Adolf Hitler desce ao sepulcro. O olho de um se abre à boca do outro e a boca se fecha no globo do olho. Um sonha com o outro, duas faces de um só rosto.

♠ ♣ ♥ ♦

#### “RETRATO DO ARTISTA QUANDO RECOBERTO DE ESPINHOS”

Repense-o não com cones pretos e grossos como havia pensado; pense antes em fazê-los afiados como os de cactos, e compridos. Pense em fazê-lo com o corpo de um filho seu e o rosto de um outro. Una uma coisa com a outra, como retrato renascentista. Os espinhos devem ser finos, mas não ao ponto da invisibilidade. Observe as sombras projetadas por forte iluminação direta; imite suas curvas pregadas por cima de músculos e de protuberâncias ósseas; copie seu subir e descer como sombras de esguios nômades pelas dunas do Sahara.

♠ ♣ ♥ ♦

#### RETRATO FAYUM

Há uma paisagem no rosto de uma mulher.  
Na proeminente maçã, uma pinta é a lua que boia na tez escura.  
Sua garganta é o precipício escorregadio, e o nariz, a leve colina  
donde avisto os 2 simétricos barquinhos.  
Extraio os caracteres desta escrita  
dos retratos dos Mestres Egípcios.  
E da mulher, rosto manifesto do verbo,  
leio só quando lhe vejo o reflexo. >>

Cabeça, tronco e membros.  
Norte, Sul, Centro, Oeste e Leste,  
teu corpo é minha cruz,  
sarcófago e pontos cardeais.

Há uma descrição do rosto da mulher,  
novela sem ação onde a cada letra  
um número é associado.  
Pintando por algarismos  
faço o outro-retrato  
com cera de marimbondo,  
barro e o cáustico bátrato.

Fotografia de múmia revelada em tábua da Barca do Sol.

♠ ♣ ♥ ♦

#### *THE MURDER AS A FINE ART*

*Para Thomas De Quincey*

Com a mesma faca enferrujada  
que comete o crime, pinta,  
como espátula fosse,  
a cara vitimada.

Sobre o papel, o victor traça os traços da vítima.  
Mapeia a fisionomia da moribunda paisagem  
e assina embaixo, à direita da composição,  
em lugar convencional, a confissão.

♠ ♣ ♥ ♦

#### HETEROLÓGICO

*A partir de Ludwig Wittgenstein (O.F. 121)*

Porque não podemos ter na arte perguntas irrespondíveis? Regras de sintaxe incompreensíveis, sim, são inúteis. Já o infinito não entra nestas regras, mas torna compreensível a tentativa dos formalistas de ver as artes plásticas apenas como um jogo de signos.

Alguém que diz ser possível usar um quadro também como espelho, mesmo que apenas para uma única pessoa, ignora que o essencial de um espelho é que dele se pode inferir o corpo a sua frente. Quanto ao quadro, é preciso saber que o pintor considera o observador bem antes deste pensar a figura do quadro como uma imagem de espelho.

♠ ♣ ♥ ♦

I

Imagina que tu és  
uma frutinha verde, ainda presa aos galhos,  
com 2 olhinhos e 2 ouvidos.  
Imagina que tu, frutinha,  
vês um homem se aproximar com um balde d'água nas mãos,  
o escutas quando joga o conteúdo na base do tronco e, de súbito,  
vês que no balde está desenhada uma caveira com 2 ossos cruzada:  
foi jogado veneno na tua base!  
O que farias tu, frutinha,  
tentarias te soltar do galho, cair no chão, encruada, secar e nem um  
passarinho querer te bicar?  
Ou ficarias no galho à espera de que teu leite viesse amargo?

II

Imagina-te agora  
construindo um castelo de cartas nas areias de um deserto.  
No princípio as cartas se afundam na areia e formam boa base,  
mas logo os pares piramidais são levados por qualquer mísera brisa.  
O que fazes? >>

### III

Imagina-te a seguir

sendo o construtor de 1 castelo de areia na praia e tu o constróis com base em memórias arcaicas, algo entre o estilo gótico e o românico. A construção evolui e os píncaros são renascentistas, e já uma barroca onda, um vagalhão de pérolas tortas vem e dissolve teu grande sonho, mistura de engenharia com ingenuidade.

### IV

Imagina-te, mais 1 vez só,  
agora no largo vão de uma praça, chorando lágrimas como bolhas de cristais. Cria a ilusão de ver o chão da praça coberto com esta tua praga e todos os transeuntes irascíveis gritando e lançando perjúrios e insultos de pedra na tua cara!

Agora pergunto:

tais coisas são ou não são a função da arte?



#### *GAMES AUTHORS PLAY*

Diálogos literários, não! O texto é surdo e o leitor, mudo.  
Andemos, pois, pelos caminhos clandestinos da ficção,  
enquanto recebemos mitos como moeda de troca  
no árduo escambo com santos de carantonha e beatos celerados.  
Diálogos literários...?  
Antes lutar por uma hermenêutica da recuperação dos sentidos.

Lutar só, corrigir o mundo: eu contra 6 bilhões de habitantes,  
para limpar todo o lixo impresso em ofsete,  
para ensinar pais&mães a educar,  
para mostrar à criança como brincar.



Procissão de idólatras  
quero atrás dos meus passos alcoólatras,  
pois sou Rei da Palavra  
na Tribo da Imagem  
Imperador da Figura  
na Turma Abstrata  
Chefe das Sapatilhas  
na Turba dos Coturnos  
Cavaleiro das Sedas  
no Torneamento de Metralhas.



#### NEXO DO MUNDO I

*Para Ernst Cassirer*

Totalmente imerso no tempo  
enredado pela particularidade de cada instante  
criado deus causador  
persiste em ser único  
envolvido no próprio número  
e a partir de si desenrola a noção de multidão  
tal 1 ponto criando linha,  
linha criando superfície e poliedro.

Se em Orfeu foi criada a lira  
e em Ptolomeu, o astrolábio,  
serão eles pobres bonecos de trapo?

E o tempo, medida do movimento,  
é o mestre da mente que mede  
ou o laçao da mão que estica a trena?  
A mente antecede o olho, moedeiro de moedas falsas. >>

Alguém dorme,  
até que o espanto o acorda  
e o põe a correr desbaratado  
e a descobrir o que não procura.

Mente, assimila teu arredor  
por todos os teus orifícios;  
vá da dispersão à claridade,  
una as diferenças das coisas sentidas.

Semente do cognoscível  
plantada num terreno baldio.  
União de opostos:  
Cópula da boca com o rabo.

#### NEXO DO MUNDO II

O mundo é a estátua,  
a estátua que só muito depois  
aprendeu a fala.

Ou livro que,  
com a ponta do dedo, alguém desenhou.  
Feliz é aquele que o lê,  
mas primeiro há que nele se dissolver.

“Olhar”, nada mais que um nome,  
um dos muitos desenhados  
por aquele dedo no papel maculado.

Em que curva da estátua,  
em que recôndito acharei o signo incorrutivo?  
Debaixo da axila a equação matemática,  
a incógnita procurada na palma da mão fechada. >>

Ah, estátua! alimentada  
à base de perdidas balas  
vestida de couraça  
contra forças seculares  
só colete à prova de brasas.

♠ ♣ ♥ ♦

$$3 + 3 + 2 = 8$$

Alexandre Rodes  
e seus filhos Atenodoro e Polidoro  
esculpiram o conjunto escultórico  
do sacerdote troiano de Netuno  
e seus 2 filhos sendo constrictos  
por duas serpentes constrictoras.

Somos todos troianos  
ou devorados por serpentes  
ou iludidos pelo ventre de cavalos ocos.  
Somos todos troianos:  
a vida fala-nos em grego  
sussurrando em nossos ouvidos moucos.

♠ ♣ ♥ ♦

Terei algum dia um livro na Biblioteca dos Fólhos Perdidos,  
uma escultura na Gliptoteca dos Gessos Banidos e  
uma pintura na Pinacoteca das Imagens Esquecidas?  
Nem as instituições do oriente, nem as do ocidente  
disputam aos tapas minhas obras,  
escritas, talhadas e pintadas com ferramentas de osso.  
Também! quem mandou eu ter nascido morto?

♠ ♣ ♥ ♦

Tua estátua, minha bela,  
recoberta de ouro-banana,  
recheada da banha de porco  
que dá relevo à tua beleza  
e sustenta teu esplendor,  
é presa fatal do fatídico  
“escovão, cera, esfregões”.



Na exposição de azulejos  
vejo  
2 anjos castiços  
de faiança moldada  
em forma de castiçais.  
Vidrados em branco  
com pintura policromada  
com 2 pares de asas quebradas.  
Na etiqueta estava escrito:  
Autor anônimo, procedência desconhecida, doação secreta.



Estátuas dentro de cavernas gesticulam em linguagem de sinais.  
Nós aqui fora só escutamos o ruído dos braços cortando o ar  
– mas escapa-nos o principal.



## O ROSTO ANUNCIADO (E O VALOR TÁCTIL)

*Para Antonello da Messina e P.L.B.V.R*

Entro em uma casa e vislumbro um rosto.  
Ando em sua direção e reflito:  
só compreenderei esse rosto se o olhar  
como se o tivesse em minhas mãos.  
Imagino, então, pegá-lo, apalpar a curvatura do crânio,  
as macias bochechas, as salientes maçãs;  
passar os polegares nas cerdosas sobrelhas  
e nas escarpas do nariz.  
Ter todo esse rosto nas mãos e não compreender nada mais.  
Vejo o livro que o rosto lia e o eixo pelo qual se move,  
a página para o alto como lâmina cortando o ar;  
e leio para compreender, mas não sei mais do que já sei.  
Sei que alguém passou, sinto cheiro de baunilha  
e o ondular de uma brisa.  
No chão vejo restos de açucena e, no beiral, ½ dúzia de penas.

Se pavor, interrogação, pensamento, aceitação ou mérito;  
se irá se atirar pela janela ou acatar sua sina;  
o fato de estar anunciado  
não elimina desse rosto  
as marcas da maior mentira.



Acho graça  
dos cascos, do rabo, dos chifres;  
acho graça da cor vermelha, da barbicha, dos dentes, das garras.  
Acho graça também das asas, da cor branca, da circunferência sobre  
a cabeça,  
da inexatidão do sexo, da camisola e dos caracóis dos seus cabelos.  
Da virgem que te pariu, do jasmim ou açucena. Acho graça do cordeiro  
ou do carneiro, dos pães e dos peixes, da água e do vinho, acho graça  
dos cravos, da lança, do sangue e do pote de unguento.  
Pena que, com todos esses elementos tão cheios de graça,  
não se consiga fazer uma boa piada.

♠ ♣ ♥ ♦

*Para William Blake*

*Nabuchodonosor* cheio de vinho  
se metamorfoseando andando de quatro.  
Atrás, o Espírito da Pulga vai lhe chicoteando,  
enquanto deus, com seu compasso,  
faz em um círculo a conta dos gastos.

♠ ♣ ♥ ♦

*ARS CRESCIT UT ASCIPITUR*  
(arte cresce à medida que se olha)

*Para Pandorofsky*

Na cabeça, um navio	2 pares de mãos levantadas para o ar
na mão direita, a colméia	duas puxando longos cabelos,
na esquerda, a foice	duas empunhando 2 martelos
e aos pés, a gaiola	como a atacar o ar
com doces pássaros –	ou a pregar os 2 últimos cravos
não para os besouros	na tampa do caixão.
que são por eles predados.	

Pandora

*L'Eve grecque*

*Pan et doris*

*Quod est totum quod est amaritudo*

Que é tudo que é amargura

Um todo cheio de um mar de dores

Primeira cabeça coroadada

Simulacro feito por um metalúrgico barbado e manco moldando  
barro

*Iupiter iratus Prometheo*

*propter ignem furtum.*

Vaso ou caixa

de unguento ou males

urna (ou bolsinha?)

úmida (ou sequinha?)

da água do Estige (ou da beleza de Perséfone?)

♠ ♣ ♥ ♦

*No Zeitgeist!* Na luta de 2 gladiadores, um golpe certo não define o vencedor. A luta continua, e quem sofreu o primeiro golpe pode ainda se sair vencedor!



#### RESTAURAÇÃO

Algum passarinho criou um cometa  
no céu de chumbo, giz branco, carvão e fúcsia.  
Terei que apagar o cometa, raspá-lo com espátula  
e restaurar o céu repondo aqueles mesmos elementos.



Pintura em forma de escândalo  
é abrir comportas para dar de beber a criaturas fabulosas.

Algo monstruoso nos espreita escondido dentro das metáforas.



I  
Para se entender a janela  
precisa-se de uma cadeira.  
Uma cadeira para sentar-se diante dela.

Fazer uma janela tão majestosa  
que expresse tranqüila ameaça.  
Construir ao lado uma porta  
que dê acesso ao mato.  
Lá impor a ordem da linha,  
a serena, a apaziguadora forma. >>

II  
Todas as minhas falas  
vieram sabe deus de onde,  
mas vieram sobretudo do mato.  
Reino solitário onde reina a casca  
decorada por arabescos e grotescos,  
mas sobretudo pela fome desenfreada.

Da ponta do fio da teia  
pende a tremenda asneira  
e, do onagro, as duas orelhas  
(e há quem se encante com isto!).

Entrementes,  
no mato, jogada  
a carcaça que contava  
fatos, ficções e fábulas  
que o dente do olho  
comeu e roeu até a náusea  
a formiga limpou  
e a chuva areou.  
Entretanto,  
mantém a estrutura  
e a articulação das partes.

Anda, morcego branco de dedos,  
inicia teu percurso entre as linhas balizado.  
Retira o cadáver ainda fresco da forca,  
deponha-o no sepulcro  
como semente de novas falas.



## HAGIOICONOGRAFIA

Gestos de santos coreografados pela Histeria  
com photographias de sal petrificado.  
Mulheres deceparam generais  
e dançarinas lascívias  
são guiadas por mães marechais.  
Mãos pedindo clemência  
ou dedos orgulhosos crispando mantos.  
Olhos envoltos em auréola roxa,  
língua saltando da boca  
no afogamento em mar de cabelos.  
Na martelada camisa de cobre  
escrito está o nome do casal maldito.



## A EXIGÊNCIA DA FORMA

*Para Ernst Cassirer*

A mistura paradoxal de temas  
funda o método racional da magia  
e sela o que diferencia  
a natural da demoníaca:  
o repousar na cama de molas sobrenaturais.

Quando o concreto se avizinha do milagre,  
mesmo que este esteja recoberto de ervas-daninhas,  
aquele geme e treme feito indigente.

Falsa cerimônia saturada!  
Só não inoculaste teu famigerado vírus  
na lógica da matemática  
que caminha de mãos dadas  
com a Teoria da Arte. >>

Impõe silêncio aos sofistas,  
engenhosos vagabundos da língua,  
ainda que estes se lancem  
às piruetas mais lindas.

De um só golpe de espada  
derruba a escada  
que leva ao alto da torre  
onde abstrato rei reinava  
e embaixo, a massa das cores  
se movimentava.

Põe teus óculos de lentes  
de algarismos cromáticos

lê a fundo,  
as rédeas e a eterna regra.  
Pensa: os limites da visão  
são os limites da prisão  
que a sábia marreta estraçalha.  
Molda  
o novo vaso no qual se derrama  
o tradicional conteúdo  
e beba de gut-gut  
ali mesmo no gargalo.



Nascer e morrer de sóis e satélites,  
nuvens e distantes constelações.  
Frente a elas sempre se dirá: que lindo!

Frente à barriga, pés e dentes  
sempre se disse: que horrível!



*Para Paul Klee*

Atrás do fundo indivisível  
que protagoniza a cena  
vemos uma figura secundária  
sustentando a narrativa.  
Uma figura co-adjuvante e retalhada  
por trás do primeiro atleta/personagem.

A hierarquia acima está invertida.  
Um provável resultado de lesão neurológica!

♠ ♣ ♥ ♦

Uma esfera se inscreve num cubo confortavelmente.  
Já um cubo inscrito numa esfera a fere.  
Deus e o Diabo  
Um torneou o mundo em forma de bola  
e deu à mulher para inflar seu corpo.  
O outro concebeu o fogo em bloco  
e deu ao homem para encarnar seu crânio.

Daí nasceu a massa d'água incandescente  
configurada em ângulos redondos.

♠ ♣ ♥ ♦

ESTRUTURA

A palavra é o ponto  
o verso é a linha  
a estrofe, o quadrado  
e o poema, o retângulo.  
O ritmo é a modulação tonal  
das cores dentro deste quadrilátero. >>

nesta linha tem uma ideia ————— □  
tem uma narrativa dentro deste quadradinho □  
dentro deste cubo cabe um conto ◊  
desta grade sai um romance histórico 田田田田

♠ ♣ ♥ ♦

GEOMETRIA DO ESPAÇO VISUAL

*Para meu tio lógico*

Como se demonstra que a casa  
não é uma reunião de tijolos  
mas a realização de um plano?  
Construindo a estrutura da casa sem usar regras  
e então viver nela todos os perigos corretos  
(tal coisa cairá por tal razão algébrica).

Para copiar o espaço precisamos de um elástico  
e para representar 1 • no espaço precisamos de 1 triplo numérico.  
Isso só já demonstra que o • copiado não é 1 •,  
mas uma malha de pontos.

É a mesma coisa dizer que as propriedades daquela construída casa  
não decorrem de sua posição em uma fileira de outras casas.

(se tal proposição em ti criar um nó, leitor,  
incumba alguém de desfazê-lo!)

♠ ♣ ♥ ♦

## OBSERVAÇÕES PRECIOSAS OU MINA DE PEDRAS FILOSÓFICAS

Entender uma nova arte não significa, após acostumar-se a um perfume, achá-lo desagradável. Significa entender algo antes incompreensível. Com isso, guarda uma analogia clara: a de ver 2 grupos de 5 traços que, até então, só se conseguira ver um todo de |||||.

O infinito vê-se mais claramente quando nas trevas.



## PAISAGEM

A árvore configura-se em geysir, toma a forma de líquido gás, só que lento, como grossa lava. Galhos e folhas, miméticas de jatos, erupções de asfalto. Fonte no parque de diversões do mato, esguicho na praça selvagem, mapa na palma da mão expressa, movimento solidificado sem arte. Natura: ignorância sábia.



Há muito tempo atrás eu disse que a paisagem da janela da minha casa passava como a da janela de um trem.

Hoje, a vista da janela de minha casa está fixa, e eu poderia tampá-la com uma parede, rebocar, pintar a fresco na argamassa esta vista e, assim, trompar meus olhos nela.

Mas se as chuvas fossem intensas e os materiais de construção, ordinários, infiltrações negras e bifurcantes cresceriam pela superfície e por dentro da imagem se sobreporiam às árvores pintadas no afresco.

A paisagem pintada como janela estaria sempre viva, devido à água e à apatia.



## O GRANDE EGOÍSTA

*Para Ingres*

Sobre o valioso trono senta-se o Grande Egoísta.  
Cobre-se de arminho e veludo, pois sente frio  
do glacial bafo de suas próprias ventas.

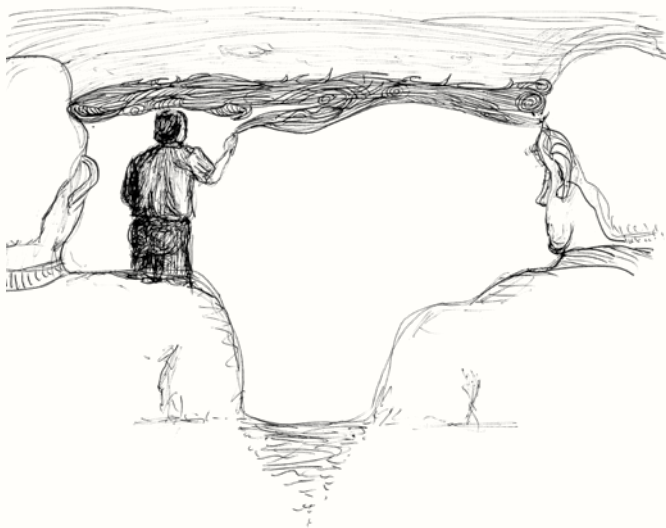
Ao seu lado esquerdo esgueira-se a Deusa do Ciúme  
e bolina seu ósseo mento.  
No direito, ergue-se, majestosa, a águia do seu atributo  
e seu recurvo bico.

O Grande Egoísta – sujeito a um esplendor embaçado –  
burila as gemas do cetro com unhas duríssimas  
enquanto bole seu imenso escroto que lhe bate aos pés.

Em órbita do seu crânio  
todas as nuvens rodopiam.  
Seu altar é o eixo, circum-áxil,  
onde os ventos se encaixam  
e articulam alterações no conjunto.

O Grande Egoísta abre a boca e solta um ronco.  
É um monstro  
que às vezes se levanta  
para a exígua colheita em seu pomar intoxicado.





Havia um professor;  
2 estudantes observam atentamente um mar  
em que o outro desenha com giz as cristas brancas das ondas.  
As cristas brancas das ondas são cálculos, signos, vinhetas, frases  
que o professor escreve com giz num mar verde como lousa  
e se de noite também escrevesse, seria quadro-negro  
riscado com giz gris.



Com gris giz “Zag” desenho um ziguezague na lousa de mármore.



## NAS GRUTAS

A ferradura dos sapos,  
a máscara de criança rodeada  
de agulhas, as luvas  
na gaiola e o torniquete  
no hamster circense.  
Funâmbulo sonambulista,  
homens com o corpo de pinças,  
caramujos alados  
sobre o lombo de leões  
domados como lázaros  
enfaixados, menos as caretas  
em risadas *scherzas*.  
Equilibrista sobre caules  
de extrema esbelteza.  
Ninfas de pé sobre guirlandas  
e *putti* dentro de corolas.  
Demônio esticando arco  
e mirando os fundos  
de um velho viado pelado.  
Viga que se curva e se dobra  
como se fosse de corda.

Experimentos caprichosos  
de um mundo desabado  
sob o peso de rochas.



## NO MUSEU ARQUEOLÓGICO

Curioso homem de bronze, polimatérico.  
Olhos de rubi, unhas de esmalte branco,  
transparecendo a cor do cobre.

Curioso homem perluxo  
de peruca de cabelos,  
escalpelo tirado vivo.  
Sobre o escabelo de madeira  
o braço erguido aponta o infinito  
que na sala não passa de um canto,  
encontro de duas paredes e um teto.  
Curioso homem de bronze, polimatérico.



Da janela de casa  
vejo a paisagem  
onde está minha casa.

No horizonte vejo suas cercanias  
e a vejo distinta e clara.

Da janela, olho  
como se fosse espelho  
associado à telescópio.

Poderia mesmo quase jurar  
que me vejo andar e acenar.  
Poderia quase afirmar  
que vejo o vento que entra em minha boca,  
ecoa no esôfago, entristece a cara  
e me desfaz por dentro.



## MUSEU INTERNACIONAL DAS OBSCURIDADES (em 5 salas e uma saída)

### 1. Obscuro Enigma

Que seja Enigma  
e a que efeito se inventou,  
pois aos modos de seus grifos,  
que seja Grifo o significado  
que lhe deu seu inventor.

A charada é a boca da noite.  
Já a Parábola não é cercada de tanta serração,  
semelha ao crepúsculo do lobo:  
procede do profundo da matéria  
sua fortuita escuridão.

### 2. Hieróglifos

Invenção de escritores e seus filhos.  
Álgebra pitoresca de pensamentos.  
Pintura em pedra, escultura de pano,  
de onde nasceram medalhas, reverses e brasões.

Crocodilo, a luxúria danosa;  
a inconstância das riquezas, o rabo do pavão.  
Ensinaram a todos a harmônica rítmica, a música métrica.

### 3. Empresa

Que seja Empresa enquanto durem  
as 4 partes de que se forma  
e as necessidades das mesmas:  
Figura Mote  
Corpo Alma >>

3. Das sortes de Empresas  
quais seriam figuras legítimas e clarezas?  
Para mais breve não seja  
a Empresa tão escura que necessite intérprete  
e tão clara que ignóbeis a entendam\*.  
A Empresa é muda comparação  
do estado do autor com a coisa figurada.

\* que significa caminhar no fio da navalha

4. Emblema  
Que seja Emblema  
larga e sucintamente.  
Como o dos epigramas,  
brevíssimo deve ser o título.  
A Figura será una,  
como preceito moral,  
fabulosa ou humana.

O Emblema olha o porvir  
e o censura.

5. *Ut poiesis pictura erit*  
Pintura das orelhas/poesia dos olhos.  
Muda facúndia/eloqüente silêncio;  
aquela razão neste, este cala naquela.

Concórdias e consonâncias;  
em outras coisas diferem  
ainda que tão pouco.  
A pintura é livro de néscios  
e a poesia, visões de cego.

Painéis da vida humana;  
criam as coisas do nada  
na fábrica do mundo. >>

5. De contrários aspectos nas estrelas  
vêm contrárias influências à terra;  
assim convém mover primeiro os afetos,  
porque moverão os ânimos  
e desta moção procede a fúria  
que enleva o ouvinte e arrebatava o vidente.

Conclusão

Pintar quero agora em verso;  
macho é o pincel, fêmea a pena.  
É a cor ao som tão paralela  
quanto os olhos são aos ouvidos.  
Se atiro tinta no chão, o som do *splash* não descreve a mancha,  
São duas pirâmides: juntos, os sopés, distantes, seus picos.

*Ut rhetorica color:*

Pintar quero agora sem rima  
todos os ecos uterinos.



## O MURAL NA CASA DO POETA TRÁGICO

A Crise veio sustentando os emblemas sagrados do seu ofício. Implorou ao deus, do qual é sacerdotisa, pestilência sobre os inimigos, pois sua filha deles estava cativa.

O mural mostra o momento em que um destes inimigos, um atleta excepcional, libera, em troca, uma outra virgem cândida, envolta em panos, olhando desconfiada para o lado, com uma pupila negra em contraponto a um brinco de pérola. O atleta tem à mostra um torso liso e nu, à frente de um mar de elmos metálicos. A cena está encimada pelos meandros de mosaico do mausoléu de uma mulher plácida; meandros que confundem o olhar, fazendo-o acreditar em coisas que não estão lá. O mural da casa do poeta trágico é composto de pedras vítreas para representar a luz tangente da pintura de sombras (skiagraphia). No vértice de duas paredes com o teto da sala onde está o mural, podemos ver a máscara mal-humorada da dramaturgia trágica, como ícone suprematista.



*Para Dmitri Merejkowski*

O afresco na casa dos Dióscuros (os filhos de Zeus) representa uma mulher chamada Leda que foi um dia fecundada pelo longo pescoço branco de um lascivo cisne. Ela deu a luz a um ovo que deu o dia a gêmeos; um se tornou boxeador e o outro, adestrador de cavalos; só depois se tornaram estrelas da constelação do Olimpo. Toda essa longa história ocorre em um espaço reduzido.

Nos contrafortes ventosos de um monte bem longe daquela casa, junto à grande estrada, havia uma fonte e uma lápide com gravuras de homens e uma inscrição toscamente insculpida atestando que o poço fora outrora consagrado aos irmãos Dióscuros; mas agora o povo tinha-os por imagens de Cosme&Damião, tão grande é a força da síntese, da comunhão.



## ELEGIA LATINA (C. 1480)

Uma casinha coberta de hera,  
escondida entre árvores,  
com afrescos representando santos  
castigados pelo tempo.  
E, vizinha, uma capela maltratada  
por uma enchente de pó  
correndo implacável.  
Dalí, o capelão, lavra a escassa e ácida terra  
com uma junta de bois emprestada.



Em 16 de dezembro de 1486, o matemático Luca Pacioli se encontrava em Pisa, e durante o dia fazia uma visita à loja de tecidos do seu amigo comerciante Giuliano Salviati. Um florentino que se achava lá, em vívida conversação, estabeleceu o problema de um moribundo e seu testamento para a grávida e iminente viúva. Nascido na Índia, o problema havia sido importado do Islã para a Itália por Fibonacci – o homem da tão admirada seqüência numérica. Àquele instrumento aritmético universal chamamos de Regra de 3 de Ouro, a chave do sucesso do comerciante. O problema pode ser assim enunciado: as proporções entre a borda, o bojo e a base de um cálice estão para a cabeça, o corpo e a cauda de um peixe. Logo, o cálice é um peixe cheio de vinho e o peixe, um cálice dentro d'água.

As proporções acham semelhanças no dessemelhante; daí que  $b = c$ .



‘Entre o condomínio e o mato cerrado’. Seria capaz de descrever esta paisagem em palavras? >>

Pintá-la por meio de números dispostos em diagramas? E se ela fosse efetivamente feita de frases, seria possível moldá-la no barro? Depois mencionar a fenda que dentro dele ocorre e o faz rachado aos olhos? Comunicar o fato de que um poste de luz divide uma área populosa de um mato cerrado, a textura cromática versus o liso veludo verde? Que na área das gentes existe uma torre de igreja semelhante à ogiva de um foguete e capelas de espinho branco e arcos tensionados para baixo? E que banheiros na área populosa vertem sua água negra nessa vila de folguedos, enquanto, no campo natural, os saruês morrem de sede?

Ah, claro! A cerca que divide as lebres dos bombeiros.



#### UMA AFIRMAÇÃO QUE NÃO DEIXA DÚVIDA

Tomo um balde de alucinógeno estando de noite em total solidão; com isso acordo de um sonho voraz e caio em uma sólida construção feita de granito cozido, areia lavada, brita e aço.

Estou acompanhado por uma varejeira que se debate por todas as paredes e risca linhas de um giz escuro no piso claro do lugar. Elas determinam áreas que, por sua própria natureza, têm perspectiva. Não há teto nessa construção, tão grande quanto uma cidade: só há paredes e o piso riscado a giz.

Há moradores no local e todos obedecem às delimitações, embora nada os obrigue a tal. As linhas são mais determinantes que rios e montanhas, naturais bordas geográficas.

Poderia se dizer que é um labirinto, mas a mosca vem nos lembrar que não. Seu zunido enuncia: “eu também estou no paraíso”; e há uma exclamação tradicional nisto!



Quem entra no quimérico Museu das Formas-Constantes ou na vetusta Academia das Propriedades Visuais? O ébrio, o drogado, o marginal, o psicopata, o viciado.



#### TRIPLA DEGOLA MÍTICA

Vestido de mendigo, entrei por um dos lados da caverna dos pigmentos cromáticos, saí pelo outro completamente pintado; despi meu vestido de mendigo, vesti meu manto de místico. Saí do outro lado com a medusa na mão. Suas cobras como cabelo enroladas em cada dedo como anéis inteiros, como argolas na nuca da mulher-girafa.

Ponho aquela cabeça sobre a baixela da mesa de um banquete. Os convivas perplexos, como Herodes após a dança das guloseimas lúbricas, se afastam com gestos enfáticos. E no côncavo de um escudo, entre secos & molhados, olhos de um Holofernes magoado olham Salomé correndo, escapando do labirinto.



Dizia um mendigo coberto de chagas:  
“eu sou aquele que diz:  
eu, o Guardador do Mistério!” >>

Na curva da calçada, ereto  
proclamava aos berros  
que seria, com os inimigos, inclemente.  
As moscas lhe faziam a corte,  
Rei dos Dementes. Pulgas e piolhos, seus pajens  
e um cachorro sarnento, seu fiel escudeiro.

E, de fato, para surpresa de todos, era ele  
com sua mala carregada de auras  
quem cuidava do bem-estar do Mistério.  
Era, naquele crânio-áxil, onde o vento fazia a curva,  
onde a luz postulava ser hipérbole,  
onde o som atravessava o vácuo  
que dormia, singelo, numa nuvem de vapor de éter  
coberto do talco perfumado de lírios  
ao som da música das bolas celestes,  
o Anjo Hermafrodita do Mistério.



Impressionante símbolo ambulante:  
Jaime Figura  
sobe escadarias e saúda,  
vestido daquilo que significa.

Cavaleiro da mais triste figura  
atravessa a avenida, vai-se pelo Campo Grande  
de cercas miméticas da vegetação que elas cercam.  
(logo ao lado, intelectuais discutem a Grande Arte)

Trajado em ferro-vero, com luvas de trapos  
empunha ostensivo espelho, signo  
do extensivo trânsito que atravessa,  
mapeia o território desta afirmação. >>

Quando chega em sua ruína/casa  
deita-se na sua cama com tampa.  
Só então tira a máscara  
dentro e descobre a cara.



#### ENGENHO DE DENTRO

Decerto o grande engenho  
se acha dentro, perto da loucura,  
mas apartado dela por transponível montanha.  
Trabalha o homem com esses dois instrumentos  
bastante distintos, e para cada qual  
lhe dá seu devido quinhão.



#### O DIABO E O ENGENHO DE DENTRO

Tenha certeza de que o diabo irá apenas mover a pesada pedra do moinho.  
Não deixe jamais que, dentro, o diabo se torne o Senhor do Engenho.



#### ATLAS E DICIONÁRIO DE HERMANN RORSCHACH

Pressões e necessidades conjuntas expressas em dinâmica simbólica variando em gama mui extensa.	Indicadores complexos e dados clínicos ligados a determinantes aprendidos:
---	--



a mancha é o rosto progenitor.



## AULA DE INCRUSTAÇÃO

*Para C.F.*

### Verbos:

tauxiar, embutir, incutir,  
damasquinar, marchetar  
(en)samblar, enxamblar

### Substantivos:

tauxia, damascaria, damasquinagem,  
(en)sambladura, (en)samblamento,  
(en)xamblagem

Enfio gemas em barras de cobre  
e granitos em lâminas de ouro,  
incrusto moedas em tábuas  
e canetas em placas de barro

embuto silêncio em linhas melódicas  
e rancor num coração apaixonado,  
encaixo gotas de vidro em estatísticas  
e soluços no discurso oficializado

Tauxio, damasquino, marcheto  
é essa a graça do verbo:  
introduzir o intruso,  
o brilhante nas tripas do obtuso,  
ou o opaco  
na boca cintilante.



Vestir a camiseta Pedra Roseta e caminhar incógnito  
pelas ruas da metrópole, encontrar a medonha de frente e aspirar  
seu cheiro. Caminhar indecifrável pela matriz, recebendo nas costas  
os influxos todos de cada célula desse império. Andar vestido da  
caligrafia de negros antigos, incompreensível. Esta a tarefa de todo  
manufatureiro.



*Para P.A.A.*

### *Sacra Conversazione & Deus Ex Machina*

*Cena Histórica & Iluminação*

*Festaiuolo & Coro*

*Alegorias & Figurinos*

*Retratos & Dramatis Personae*

*Autorretratos & Máscaras*

*Naturezas-mortas & Tremonhas*

*Paisagens & Urdiduras*

*Cenas domésticas & Enredos*

*Abstração & Encenação*

*Construtivismo & Cenografia*

*O fogueteiro do príncipe & o maquinista da ópera*

*A Pintura é teatral.*



*Para N.M.*

Um pantasma meteu-me na cara um prato de sopa quente de ervilhas.  
Depois, o mesmo pantasma esfregou por todo meu rosto  
molho de pimenta-malagueta salgada.  
Simples assim.

Experimente ter a pintura de tal batalha arcaica  
na parede da tua sala  
ou ter como projeto de vida obscurecer e borrar  
com teus atos essa imagem!





“Sou vítima, acho.  
Passo por períodos de derrotas,  
por fluxos de atração pelo híbrido.  
Sofro de halucinações físicas:  
incubo em hermafroditas,  
sucubo por orangotangos e gorilas.

Em pesadelos inculco frutas e sucumbo a macacos de pelos pesados. Assim engravidado anjos e sou fecundado por primatas. Penso em uma tautologia sexual, espiral centrípeta e vejo o caracol e sua casa: a lesma é uma masturbadora que rasteja.

Ou serei um victorioso?”

♠ ♣ ♥ ♦

ODE AO *CREMNO* – A RECORRÊNCIA DOS ANOS 1400

Pequeno precipício - pequeno porque só vejo teu princípio.  
A borda inferior indica que dali haverá queda. Fenda separando quem vê do que é olhado: cerca invertida, molde de muro, baliza negativa. Buraco paralelo à base da tela onde umas nossas senhoras selvagens deixam escorregar seus pés, onde uns meninotes gorduchos podem cair e quebrar as patinhas; mas tudo está seguro por linhas invisíveis, cordas de arcos retesados, donde dardejará um dardo em direção ao perscrutador.  
Pequeno precipício porque só vejo teu início.  
Cumprês uma função hoje desconhecida. No passado eras ponto pacífico, amálgama de classes, cultura intermediária. Hoje teu significado nos escapa, embora eu ache que saiba teu segredo, ó grande ponta do abismo! És a quina da sepultura onde está deitado o espectador de pupilas extirpadas, duro, hirto, rijo; é feio e será fóssil. E calça essa vala nosso cadáver, e ratifica a distância, a separação do eu-observador com as imagens sacras, do eu-pagão com as divinas conversações, do eu-menino com os velhos padres profanos, do eu-que-me-abraço-com-um-Narciso-em-camisa-de-força com o mito fantasioso do incircunscritível. >>

Bellini, Mantegna, Leonardo, Holbein, Lippi, Botticini, quem não pintou esses buracos enigmáticos? Eu também cavei na superfície pedras soltas e a areia que não cola, de cor entre marrom escuro e bege claro. Também eu enterrei um salvador fajuto lá. Entre mim e o leitor também há um corpo nu. Também cabe entre nós uma boa e saudável separação. Por um tempo nos manteremos sem comunicação. Depois, acenos, gestos, uivos cumprirão a função (½ insana) de nos irmanar.



♠ ♣ ♥ ♦



Encontrava-me em uma situação peculiar  
em um quarto de uma casa  
toda feita em tijolinho aparente:  
o chão estava inundado  
de água até os tornozelos,  
deixando os tendões de fora.

Enroscava-me uma jiboia ou sucuri  
- nunca soube diferir -  
e eu de bermudas do exército brasileiro,  
descalço, descamisado, lutava,  
ou antes me enojava daquilo em mim.  
A serpente vociferava.

No quarto contíguo  
o altar de uma religião  
tão antiga quanto nova  
estava ainda posto  
depois do ritual.

Dois pés e pernas filiais  
também descalços  
também cabeludas  
fugiam calmos (haviam visto!)  
e renegavam a ascendência.

♠ ♣ ♥ ♦

## À PERMANENTE ESFINGE

(a partir de F. M., uma estudante de arte com um olhar primitivo)

Um universo de seres dotados de uma excepcional capacidade de agredir, atrair, intimidar; seres que perturbam por mostrarem tanto sem falar nada, nada do que se quer ouvir; e um sublime que exige que os olhos se acostumem ao escuro. Há uma sensação de perigo e incerteza que só pode ser superada por uma segura contemplação.

Antes da invasão do olhar existia a vontade de tocar, de colocar os pés naquela água e sentir na pele a textura da serpente, pois tudo parece vivo, redondo, embora congelado, exceto a noiva-mãe que parece escutar o que pensamos e olha como quem pergunta.

Mas é inútil querer entrar em um universo por sua própria natureza inacessível, com uma narrativa cíclica, por isso irritante. Também é inútil não querer amá-lo, pois é fascinante desejo, com gosto de chá inglês.



♠ ♣ ♥ ♦

## POR ESCOLAS DE ARTE COMO CONCEPTÁCULO E NÃO CASA DE ESPETÁCULO!

- I - O condicionamento de ursos, cães e elefantes com torrões de açúcar se parece muito com a educação nas escolas de arte. Os talentosos jovens se deitam no chão e lambem as mãos doces de canalhas e de influentes professores.
- II - Depois as criaturinhas vão para o mundo fabricar parque-de-diversões para os bem-pensantes, construir zoológicos de espécies raras e instalar hidráulica e eletricamente a ideologia dominante na mente e nos olhos das gentes.
- III - A Teoria Institucional é o perfeito método. Os enjaulados se sentem livres em largas jaulas, parecem feras, parece que se mordem, mas abanam os rabos ao menor sinal de prêmio.
- IV - O adestramento se parece muito com o sistema da arte: se come salgadinho, se bebe champanhe para a alegria e a alimentação, e para matar a sede somente água Perrier. E assim vamos, expandindo esse planetário circo, até as bordas, até as franjas das matas. Mas não até o coração das trevas, onde mora o verdadeiro, o incondicional selvagem.

♠ ♣ ♥ ♦

## ABECEDÁRIO PARA SER UM ARTISTA DA CULTURA

*a* – não dar explicações; *b* – apanhar um mosquito no ar, dobrá-lo na ponta dos dedos e fazer dele um desígnio; *c* – fazer dele também a primeira letra do teu nome; *d* – criar um abecedário com insetos; *e* – comer insetos de manhã, de tarde e de noite; *f* – comer todas as etapas das metamorfoses no café, no almoço e no jantar; *g* – ter o coração sempre dilacerado; *h* – toda vez que trocar de roupa, trocar também de personalidade; *i* – quando acontecer uma separação, separar-se de si também; *j* – cremar o corpo da(o) amada(o), mas não suas fotografias e cartas; *k* – guardar as cinzas em uma caixa de papelão e as fotografias e cartas em uma urna de ouro ou de mármore; *l* – abrir a porta e olhar o céu; *m* – ver a cidade sob as nuvens; *n* – toda vez que andar pela cidade, conversar com pelo menos 1 outro pedestre; *o* – mas, se de carro, andar sempre com os vidros levantados; *p* – ser arrogante com os arrogantes; *q* – ser humilde com os humildes; *r* – jamais deixar de observar as orientações p e q; *s* – toda vez que desdobrar um papel, tentar descobrir um universo dentro; *t* – para fazer papel reciclado utilizar como polpa seus textos do Jung e do Capra; *u* – ler o que está escrito nos cadernos dos mendigos loucos; *v* – por sua CI no bolso e jogar-se dentro de um fundo poço; *w* – escrever com as unhas seu nome no lodo; *x* – gritar e esperar pelos bombeiros (sozinho não há como escapar!); *y* – deitar-se, acalmar-se e tentar criar imagens; *z* – dormir: é preciso primeiro morrer para ser um artista da cultura.



## TEORIA INSTITUCIONAL

Encantamentos e Prodígios para uso doméstico. No mais alto sistema, um fenômeno equivalente ao que acontece a Cinábrio, o pequeno Zacarias, a mandragorazinha esquisita de ETA Hoffmann (há que ler para saber!).



## MÉTODO DE PORTAS QUE SE ALARGAM A INTERVALOS (OU VANGUARDAS E ONANISMOS VARIADOS)

*Para Jorge Schwartz*

Alma dando saltos mortais, névoa lírica cantada a meia-voz. Bandeira do timoneiro, trampolim no arranha-céu ou no hangardomaravalhas. Irradiação inaugural, torcer o pescoço do cisne, Vrbe, café de ninguém. Buzina Klaxon para os cétricos, abre-arcos & alas-*flexas*, estética da graça e da aranha da terra-roxa. Verdeamarelo pau do brasil, estética da vida na máquina de fazer versos. Proa, claridade inicial, prisma de ferro. O nada da personalidade versus a fisiologia do ultra. Adão nos espelhos d'água, nos cartazes. Rosa-náutica-dos-ventos, antena da rebelião das palavras dos filhos do limo. O fundeiro lançou o seixo no rio sagrado irmão da pirâmide: criacionismo de ondulações. Elite somos válvula, sugestão e síntese, o peixe e a serpente; já a malta avança sem plumas. Santo sem número, senha sem nome: um chamado cordial do Mestre da Falange. A hélice é o nervo do lampadário que ilumina a bandeira da província. O significado do carrapato da anta é ser o meridiano de uma raça cósmica. No meio da mestiçagem, o homem cordial afirma: “o inimigo do preto é a negritude”. Minha esperança é do tamanho das nossas impossibilidades!



Vitualhas verdejantes em vitrines, visões vivas encapsuladas em bolsas de bexiga, lâminas de ouro em portais de papelão azul descarnado. Tudo dobrado, amarrado em feixes e costurado com a tripa do cordeiro da crucificação; depois disponível em feiras, controlado por sindicatos de bodes adiposos; é uma pena o que fazem com a água e com o vento....

Blocos de concreto recheados de enciclopédias; atlas em pias como placas de mármore; livro de horas como azulejos do banheiro; in-fólio submerso em poliéster no alto da estante como cabeça ornamental. >>

- 1° Confraria de Pernósticos contrabandeando arcanjos;
- 2° Associação de Facínoras mercadejando muambas;
- 3° Confederação de Patifes aliciando escravos.

E tudo sob o distinto Estandarte  
da Grande Cultura e da Arte!



Devo me associar ao Clube do Golfe,  
ao *Jockey Club*  
ou à Academia de Tênis?  
Tanto faz! Todos pertencem à Confederação dos Ladrões & Agregados!



Sonhei que  
a Teoria e a História da Arte  
eram a relha e a aiveca  
de um pesado arado  
que levanta e revira a negra, roxa,  
vermelha e amarela terra.

A Teoria e a História da Arte  
compunham o pesado arado  
puxado por bestas duras  
e maciças cavalgadas.  
Atrás, guiando, saltitante  
ia o presunçoso artista  
com seu par de chifres  
sustentando nas pontas  
a auréola da mentira. >>

Contei este sonho  
para a resplandecente crítica  
que o criticou severamente:  
o teórico e o histórico vão atrás,  
um analisando a terra revirada  
e o outro semeando-a com sementes  
da erva-das-perguntas.



Na casa da grande e famosa  
curadora das doenças plásticas,  
ao lado da popular pintura  
de um beijo dentro de um carro,  
ficou o vestígio de um adesivo.  
A tinta acrílica e a massa corrida  
ficaram só em partes após a arrancada  
do rótulo 'Corega' pregado.

Discutimos:  
ela jura que o rótulo lá nunca esteve  
e eu insisto que a marca na parede  
é da retirada dele.

Ela se envergonhara de ter,  
sob a mirada de todos, sua banguela,  
daí que necessitava da cobertura  
de uma dentadura moderna. >>

Nas recepções de gala  
a curadora das doenças das artes  
se mostrava galante, requintada e clara,  
mas quem a conhecia sabia:  
no fundo era fraude,  
mediocre curandeira  
prescritor de mezinha  
para artista doente.

♠ ♣ ♥ ♦

Jovens mendigos  
julgam o espetáculo feérico  
do último andar do anfiteatro.

Em surdina, em seus farrapos  
confabulam e trapaceiam  
não entendem nada, mas ameaçam.

O rico ancião se retira  
do grande hospício  
do fórum de julgamentos.

Jovens mendicantes avaliam,  
dão notas baixíssimas à magnificência  
e a alienam do palco.

♠ ♣ ♥ ♦

Desde pequeninos ensaiamos o sorriso congelado do Teatro Fotográfico.  
A vitrine de dentes resplandecentes embora cariados  
e o iluminador do frio *flash*  
sintonizado ao mortífero dedo que dispara o *shot*  
num palquinho miserável de 3x3 palmos  
com o ponto contundente ditando a fala  
e um diretor empresário guiando os gestos  
de palhaço estereotipado  
e a roleta com os bilhetes premiados  
e a grande massa de níquel, cobre e prata  
a cobrir os carros como enchente  
de tifo, leptospirose e raiva.

♠ ♣ ♥ ♦

Uma fotografia é a imagem de uma probabilidade;  
uma pintura é a imagem de uma proposição.  
Uma fotografia é uma possibilidade entre milhares;  
uma pintura, uma asserção dentro da tradição.

♠ ♣ ♥ ♦

A Abstração é um galho que saiu do tronco da Figuração;  
não lhe é superior ou estágio de evolução:  
lhe presta tributo e lhe paga dividendos.  
Tal qual a luta da reclusa com o sonho,  
o encontro do mínimo com a ensanchar,  
o obscuro da paixão *versus* o abuso da razão,  
a geométrica cabeça contra o romântico imaginário,  
a razão é um afluente do grande rio, quase mar, da imaginação.

† † †

### FÁBULAS DOS PINTORES

Em pensamentos que emergem  
do cérebro com altíssima voltagem

alguma coisa há de mudo,  
incomunicável e de fundo.

Algo que respira intermitente,  
como baleia, crocodilo, boto.

Pintura: sacerdócio exigente de homens  
que lhe pertençam inquestionavelmente.  
Arte de dar seta para a esquerda, e virar à direita.

Pintor: sublime ignorante!  
Há quem queira 1 só dos adjetivos;  
há quem queira eliminar por completo o substantivo:  
tal ofício é de repulsiva demência, como veremos.

ΩΘΔΣ

*Y*MAGIER *P*AIN*TRE*

(ou dos materiais em arte)

“Farei o vosso retrato, ò Majestade, com a terebintina do louro-cânfora.  
As sombras sairão de um pincel teso e crespo encharcado da lama  
de chorume e terra de Siena.

As luzes serão aplicadas com os pelos da paina submersos em talco  
da selenita mais fina.

No dia do apoteótico desvelamento, será conspícuo o olor do  
mordente óleo de linhaça e a fragrância da solvente aguarrás na  
celulose da tela de cânhamo”.

Se tais dados técnicos soam gratuitos e incongruentes ao Leitor,  
peço apenas que abra manuais de pintura e materiais, e lá estarão  
ditos os procedimentos de amassar pedras e cozê-las, espremer  
sementes, sangrar árvores, extirpar fibras e cavar o chão massudo.

Nesta cozinha, quem se senta no trono e oficia no altar é o opífice.

ΩΘΔΣ

## O PINTOR DE DEUS

“O retrato da minha divina face  
deverá ter os dentes alterados!”

A obra lhe bate com o cajado,  
pobre e antigo escravo.  
A obra fala e insulta o pintor,  
lhe impõe mudanças, regras  
e ele, cínico, diz que obedece  
mas inventa novas estratégias.

A ideia de deus é uma imundície  
que o sacerdote espalha pelas roupas dos crentes  
e o pintor dispõe pelas paredes da igreja  
atravessando o tempo como flamejante sordícia.

### ΩΘΑΣ

Disse o Pintor do Ideal:

“estou fantasiado de Demiurgo  
e esse disfarce me é muito útil;  
forrada de seda e estofada de veludo,  
essa fantasia me aquece a carne;  
assim passeio por geleiras à vontade  
ou pelas ruas das cidades imperfeitas.

Qualquer que seja a paisagem, estarei incorporado pelo artífice modelo;  
e me cai muito bem no peito o brasão de Marceneiro Quase-Perfeito”.

### ΩΘΑΣ

Na roda de um sol ideal, Procusto parafusa  
o umbigo dos inimigos no fulcro axial  
e por liames de serpentes estica braços  
e com facas de obsidiana corta dedos  
até atingirem o modelo para ele perfeito.  
Tirânico ditador dos esquemas ideais e das proporções sem cor.

### ΩΘΑΣ

*Para Botticelli*

Discurso de um pintor do *Quattrocento*  
para uma vestal de Ártemis de olhos vesgos, inclementes.  
“No calor do argumento eu disse:  
teu corpo é arquitetura de vento...  
mas nele quero recortar o rosto e fazer dele um camafeu...  
com a arquitetura de vento construir um templo  
e no altar instalar o amuleto...  
ajoelhar e praticar latria por uma certa linha da face que comove,  
rapta e esmaga...”

### ΩΘΑΣ

Vejo a pintura do sábio quadrado  
e encanto meus olhos tontos.  
Abro suas gavetas e acho  
tantos livros de fadas, correntes de ouro e cartas.  
Na madeira velha da bancada, marcas de números pirografadas  
misturadas a formigas estacionárias.

Nela, *in-folios* pintados, Elzevires,  
apenas nas lombadas tatuados,  
esgrafitos\* no óleo de papoulas e vitríolo  
em filigranas de gesso-crê.  
Nas estantes, no alto, livros de 1,80m e 2.000 páginas. Escadas são  
trazidas, mas é trabalho árduo retirá-los: pesam como caixão de  
obeso, como mórbida retirada do mártir do Sepulcro de São Marcos,  
em que o mundo tomba para um lado e os planos se fendem em  
camadas.

\* detalhes ornamentais escrupulosamente traçados sobre maravilhoso *impasto*.

Ω Θ Δ Σ

DAVI DA MERISI, O PINTOR DOS GIGANTES DECAPITADOS

Hepático, com os dentes separados,  
algoz de si mesmo degolado  
com espada já manchada.

Sob a coluna protetora de cardeais  
e a luz de intensas velas, efebos e gueixas  
em espelhos côncavos como escudo de medusas  
esculpe homens de músculos sobre ossos de geleias. >>

Foge de masmorras em buracos  
na ilha dos cavaleiros de maltas  
para pintar o sapo que grita e atrapalha  
e o gato que late engasgado,  
e morrer na praia de febre malária.

Herói da nota de 100.000 liras agora,  
seus *Músicos* estampados em echarpes de *style*  
e a *Natividade* roubada pela Máfia.

Ω Θ Δ Σ

PINTOR TAQUÍGRAFO (OU PNEUMATOLOGIA)

O obsceno anjo toma a rude mão  
e a guia nas volutas de uma caligrafia torpe.  
O Santo quase tomba, vesgo e assustado, do seu banco estaiado.

– Lascivo(a) menino(a), ele não pode escrever certas palavras.  
Uma vez quis sozinho introduzir o bisturi e elaborar a obra sonhada:  
os dedos ficaram hirtos, a mão caiu!

Responde o anjo/musa

– Dito agora com todo meu esforço e emprego a palavra “ditar” como  
autor de livros profanos. Não posso perder o auxílio de taquígrafos,  
amanuenses e copistas, pois a palavra “rápido” já não basta. Continu-  
arei a ditar tapando os ouvidos para não ouvir latidos, pois a elegância  
do traçado vem da audácia repentina do ditado, e esta depende só do  
deus do acaso - o deus que nos é mais caro!

Ω Θ Δ Σ

## UM CERTO PINTOR HOLANDÊS

*Para Jean Genet*

Uma sensualidade toma sua mão quando pinta roupagens,  
mas reflui quando vê o corpo: assustado, o crê morto.  
O vê esverdeado, curto, torto,  
enfeitado de verrugas de longas raízes até o osso.

Do leito ao cavalete, do cavalete à mesa,  
da mesa à latrina, da latrina ao leito.  
O corpo, por mais doce que seja o sorriso no rosto,  
cumpre diligente sua função: digere, é quente e pesado, respira e dorme.

ΩΘΔΣ

## O FRÁGIL PINTOR DE ANIMAIS

*Para William Beckford*

Primeiro pintava elefantes  
com grossas broxas e anchas trinchas;  
os sulcos do couro, cavava-os com goivas, escopros.  
Depois maquiava e escrevia versos em felinos  
com pincéis que cabiam entre dedos.  
Com um só fio de cabelo  
passou a pintar pelo por pelo, escama a escama,  
tamanduás e tatus de porcelana.  
Depois da pintura dos cílios de uma pulga, sua vista tornou-se turva,  
sua ofegante respiração piorou (ele quase minguava por nada!)  
em poucas semanas caiu na cova e ficou.

ΩΘΔΣ

O Pintor de Paisagens Etéreas  
com seu pincel de estopa  
encharcado em éter  
reproduz o distante horizonte  
e a árvore que acha bela.  
Mas o pó circundando a árvore  
é por demais pontilhado  
para sua tinta etílica  
e a luz exalviçada  
do meio-dia  
é muito enguia  
para seus dedos  
de anzóis  
sem iscas.

ΩΘΔΣ

*Para Gustave Moreau*

No quarto do Pintor Simbolista  
há uma pequena coleção de figuras de cera  
modeladas de forma razoavelmente brutal.

Hércules, Salomé, Prometeu.  
Édipo e uma esfinge sobre as 4 patas,  
quando pintada, foi sofrivelmente colada  
ao peito vertical, sobre as pernas incestuosas.

Um lençinho de seda canhestramente costurado  
foi adicionado cobrindo a genitália.  
E eu me pergunto, meu deus, por quê?

ΩΘΔΣ

## MANSÃO SIMBOLISTA

Para Fernand Knopff

Viver entre nuvens verticais  
(comendo couves-de-bruxelas)  
acima das pontas afiadas  
dos campanários e dos suplícios.  
Lá construir o Teatro do Culto Ególatra  
de acordo com a planta-baixa 1:1  
desenhada com broxa  
e os detalhes à trincha, descritivos.

Clínica da Saúde Estável.  
Esmaltes brancos envernizam as varandas,  
barreiras de bronze impedem acesso  
à sala onde a moçoila nos olha  
nos olhos.

(como estação de trem onde a multidão é retida para meditar seu destino)

No chão, um círculo de giz e ouro,  
na parede, o altar à cabeça alada  
e à frente, o sacerdote da empáfia!

De dia,  
retratos psicológicos com a máquina de disparar em auréolas como alvos.  
De noite,  
lá está ele na varanda, expondo placas ultra-sensíveis,  
revelando a grafia do céu noturno,  
reconhecendo a firma dessa assinatura.

Ω Θ Δ Σ

## O PINTOR “6 ASNOS” DESCRITO PELOS SEUS PARES

“bêbado limpador de latrinas”;  
“diante do nu só enxerga corcundas”;  
“pinta com escovas de dentes  
3 maçãs com penugem sobre um prato sujo”;  
“traço brutal, pálido feito”;  
“desenha a partir de cabeças de moscas  
esmagadas na dobra de um papel”;  
“macacos pintados com lama para o *Grand Guignol*”;  
“impõe a emblemática perinha, de cera envernizada,  
ainda por apodrecer”;  
“operário da visão turva, fortemente dotado,  
cujo nome serviu a tão acirradas batalhas”;  
“testemunho da fatal impotência: banhistas sórdidos  
travestidos em pântanos melancólicos”.

Eis o estilo da nossa confraria!

Ω Θ Δ Σ

I. Inútil

bala mágica de arsênico  
contra  
o grego pastor iconoclasta  
chamado Sífilis.

Sua porta, centro geométrico  
da vasta mancha-negra,  
é descrição de paisagem  
em más palavras  
dizendo tudo o que já foi  
mil vezes dito.

O pintor pernetá comeu  
pão de ergotamina cravado;  
o pintor chapado  
morreu amputado;  
só uma semana depois  
seu filho bastardo  
ao acender a lareira  
encontrou a perna  
atrás do suporte de lenha.

II. Dama de espadas ou fêmea de gorila saída do banho?

Entre lâminas de vidro, espremida,  
plano com antebraço dobrado no leito.  
Moça com nome grego inventado. Ao lado,  
gato de Bonnard banhado em frio asfalto  
e alcoviteira se intrometendo de súbito na cena  
com seu quinhão de suborno e seu perfume de corpo.  
Chinelas caídas, displicentemente arranjadas.  
Laçinho de fita na garganta estrangulada.

ΩΘΔΣ

O Pintor de Efemérides  
fez o retrato de sua amante  
sentada na cama mesma  
em que transaram.  
Depois o dependurou com destaque  
na sua exposição de quadros.  
Sua esposa, na vernissage,  
adorou a cor e a paleta de nuances  
e decidiu colocá-la na sala.  
A amante foi visitar o pintor em sua casa  
e viu seu retrato vertical sobre o sofá principal instalado.  
Sentiu náuseas e calafrios e decidiu abandoná-lo.  
O pintor arrasado foi pro mato  
pintar pés de cenoura, nabos.  
O bom pintor não pinta batatas.

ΩΘΔΣ

O Pintor das Palmas  
das Mãos Peludas  
segura macio o pincel suave  
e aplica a líquida camada  
sobre o algodão engomado  
– placa de acrílico cromática;  
constrói com mil andares  
a torre horizontal chapada  
simula a configuração das coisas:  
magnífica armadilha de colapsos seguidos.

ΩΘΔΣ

O Pintor de Cenas Políticas a aquarela  
fez a cena da batalha perdida;  
o Ministro da Defesa o condecorou com a medalha de lata  
cortada à tesoura e crivada de cravos.  
A pintura decora o saguão do Ministério, na principal entrada.  
Mas é necessário colocar uma série de baldes  
recolhendo as gotas do chorume da terra pintada.  
Todo dia o jardineiro usa este tempero para as suas flores.  
O intermitente pintor de aquarelas passa e recolhe estas flores  
como corantes de seus papéis brancos onde pinta as mesmas flores,  
misturadas à cena de sangue, suor e horrores.

ΩΘΔΣ

*Para R.G.*

O Pintor Abstrato  
com fé em seu *status* elevado  
pinta o painel para o saguão do Banco das Casas Populares.  
O painel não contém gente, é claro,  
é elevado, está acima das caixas, dos *bureaus* de fórmica engraxados.  
A pintura passa uma serena atmosfera amarela,  
é vitral de pano com áreas de céu em imperceptível plano.  
Exala perfume de alfazema e água de rosas,  
daí ninguém sente o cheiro de banco.  
O pedreiro, o lixeiro, a doméstica, o quebrador de garrafas dos becos,  
até hoje pagam em juros o cachê do pintor abstrato.

ΩΘΔΣ

*Para Almeida Junior*

Preso a uma singularidade irreductível  
porque visto sempre isolado,  
o Pintor de Bagaços  
foi morto a facadas  
à porta do Hotel Jaboticabas;  
de lá retirava seu violeta mais roxo.

O assassino agira, assim entendeu o juiz,  
“em estado de completa privação de sentido”.

O pintor de bagaços traíra,  
o pintor realista incestara,  
o pintor com o bisturi  
esfaqueara mas errara:  
empunhava melhor  
facas peludas  
do que lâminas nuas.

ΩΘΔΣ

A Pintora de sua Própria Cara  
e sua caixa de ferragens  
contendo todos os apetrechos,  
trenas e tralhas:  
o pincel de rabo de arminho  
para lambuzar com pó de barro  
as maçãs dos protuberantes pecados.  
A barra de antimônio reforça  
as linhas naturais dos olhos;  
o mingau de fuligem e lama  
ela aplica nas pestanas  
e o bloco de mole metal friável  
que se desmancha nos lábios. >>

Agora só restam as brumas que ela empunha  
e com os dedos espalha  
abaixo das sobrancelhas  
sobre o globo recoberto pelas pálpebras.

O autorretrato está completo  
com *blush* para dar cor  
de saúde forjada  
na tela da sua face.

Foi realista a pintora  
ou apaziguou conflitos  
entre olhos, acalmou a briga  
do nariz com a boca?  
O espelho foi seu quieto modelo,  
mas o *quê*, de fato,  
ela viu dentro dele?

ΩΘΔΣ

O PINTOR DE BRAVATAS

A amante do pintor de bravatas,  
semi-paralítica e horrivelmente magra,  
escultora de bolas de plástico,  
escutou dele certa vez:

“quero fazer uma obra tão grande, tão poderosa e tão cheia de  
arestas que entale na garganta do dragão insaciável quando ele a for  
devorar. Uma obra que julgará os juízes e executará os carrascos.”

Ela candidamente lhe respondeu perguntando  
(como a obra de arte faz ao mundo): >>

“terá sido uma destas tuas irrefreáveis bravatas a causa  
profunda de minha desgraça? Pois hoje sou um tipo de dragão  
esticado no varal, osso sustentando pele que se esvai. Se um  
dia fui bravia, hoje resseco no mormaço e vens tu me dizer de  
teus traços dos quais meus inimigos passam ao largo?”

ΩΘΔΣ

O PINTOR DE VITRINES

O pintor se esconde atrás  
da cortina de cédulas de dinheiro,  
dorme com a manequim de peitos tão rijos  
que resistem a dentes e marteladas.  
O pintor esconde joias numa caixa de sapatos.  
Se enrola em panos pretos fixados por durex,  
usa no pescoço o colar de serpentes,  
irmãs de víboras sem osso, e no punho,  
as lagartas de zinco, pedras brutas  
e cimento no lugar de trinchas.

ΩΘΔΣ

Pintor de Pele de Cobras.  
Pintor meticuloso e de fino trato,  
repetidor de padrões mutantes.  
Mói na pedra do rio a areia-média-lavada e junta à banha  
que conserva carne de músculos para criar sua têmpera.  
Mexe o mingau de palavras  
com um pincel de urtigas  
traça a forma da camuflagem.

Ponto a ponto pinta as escamas  
copiadas das suas próprias unhas.

ΩΘΔΣ

Pintor de mamíferos abissínios.  
Pinta o couro de pelos hirtos  
em largos jatos de fuligem de terebintina para criar sua laia.  
Depois passa a mão às avessas e estuda a configuração do redemunho;  
lê com óculos de oráculos e se espanta  
com o destino escrito sob as cerdas.

**Ω Θ Δ Σ**

Disse o Pintor de Sapatos:  
“As cores tem nomes, mas eu não sei o nome delas:  
sou pintor de pregos e não de telas!  
Todas as cores tem nomes, mas não tenho a mínima ideia:  
sou pintor de cadarços e não delas!  
As cores todas tem nomes, mas não faço ideia dos nomes delas:  
sou pintor de solas e não de ideias!”

**Ω Θ Δ Σ**

Procura-se Pintor de Fachadas  
para que não nos iludamos  
com dizeres de frontispícios.  
Para que tais dizeres sirvam de cerca,  
muro, trincheira ante os precipícios.

Procura-se Pintor de Monocromáticos  
para que não nos confundamos  
com a infinita variedade de matizes  
entre os cinzas dos dias.

Procura-se o Pintor da Abóbada Celeste,  
que soube criar a lisa transparência  
no exato tom cerúleo. >>

Procura-se Pintor de Lanternagens,  
blindagens contra o mundo tiro-certeiro,  
um pintor que saiba costurar roupa de escafandristas,  
seus chapéus peculiares, suas estranhas e compridas trombas.

Procura-se Pintor de Pombas  
que com cal virgem transforme  
essas vira-latas em espírito-santo.

**Ω Θ Δ Σ**

O Pintor Criador de Tipos  
olha o cara alto, desajeitado,  
de barbicha, óculos escuros,  
pomo-de-adão proeminente,  
cabeleira de penteado exótico,  
e anota.  
Vê o rapaz de capuz sobre os olhos,  
bermudas e pelos grossos nas pernas,  
e anota.  
Observa o velho de carta rota na mão,  
boné, beijo inferior pra frente e botas furadas,  
e anota.  
Pintá-los depois de memória,  
imaginar situações, encontros, despedidas,  
criar as origens dessas vidas  
e, cansado, dormir com espirais em volta.  
Sua pintura depois é cuspidada em cima pela Ética em Pesquisa.

**Ω Θ Δ Σ**

O varonil Pintor de Gestos Viris  
salta para a tela como serpente ferina  
e com seus pincéis de obsidiana  
ataca-a com bravura indômita.  
Quão heróico é o pintor em sua ação diária!  
Todas as cores nos tubos lhe têm temor!  
Ele é o *viking*, o bárbaro salteador  
no barco das velas de cânhamo.  
O vento que sopra seus cabelos  
é o mesmo que guia seus movimentos bruscos.  
Ele é verve em puro estado de *tremelitude!*

O que diz toda esta cena, este teatro coreografado?  
Que é mudo o ator, cega, a câmera que lhe filma,  
e ausente, o público nas cadeiras desse cinema.

**ΩΘΔΣ**

O Pintor das Manchas Mofadas  
retira da terra sua tela  
e a cozinha na panela.  
Depois a estica na boca da noite,  
como lençol no estendal,  
e espera a melodia onírica dos morcegos.  
O pintor então se posta diante dos sugestivos vultos  
e desafia-os a duelos.  
Mestre d'armas que se batem até a completa aniquilação.  
Se o pintor resistir e chegar ao fim da batalha,  
ganhará nos braços braços assinalados.  
Mas as manchas lutam como revoltosos escravos  
e cospem no olho a têmpera do formidável espetáculo.

**ΩΘΔΣ**

O PINTOR FILÓSOFO LÓGICO

Diagramando processos mentais,  
como terá presumido  
o suposto substrato físico?  
Puramente especulativo,  
põe de lado os gráficos frios  
da subjacente fisiologia  
e cria psicológicas hipóteses.

Esmagando gemas entre vidros,  
tingindo tecidos de linho  
imitando o camaleão dos mecanismos  
conclui o porquê e os meios  
das insanas mentes  
que a sua *sã* esquadrinha.

**ΩΘΔΣ**

*Para todo os Modernistas*

Pintor da Autonomia,  
serpente anelada  
ou cachorro cínico  
se lambem e se bastam.

Esfera autárquica dentro espelhada:  
*mise en abîme* recôndito invisível  
onde se cria e se mira um infinito.

Sua estratégica independência  
se opõe aos pólos do magnético ímã,  
à estética do relacionamento. >>

E o outro, olhando para mim, diz:  
“ora bolas, é apenas um uróboro!”  
Ou, penso eu, um escorpião  
com seu télson encravado no seu torso  
a declamar seu credo.  
O autônomo no palco silencioso:  
um *watertight* tonel  
cheio de uma vazão que não vazava.

Ω Θ Δ Σ

NEFELIBATA

*Para E.S.*

Fotografias de nuvens  
não produzem ruídos;  
o fotógrafo de nuvens é silencioso:  
calçado em meias gordas  
anda pelo chão de gotículas.  
Olha o deslize lábil e surdo  
de cirros sobre o óleo azulado.  
Cúmulos de lã branquíssima  
absorvem qualquer tumulto.  
Nimbos molhados de cinzas  
tremem como gelatina.  
Fotógrafos de nuvens  
não fazem barulho.

Ω Θ Δ Σ

O AUTORRETRATISTA

Ele aceita meus cumprimentos ao tempo que parece ter envelhecido,  
cinza na intriga não menos que na pertinácia.  
Por sua vez, não perdeu tempo: com bétel, tabaco e o fruto da areca  
desenhou o contorno do seu corpo e com cânfora, canela e cardamomo  
o preencheu, e creio estar fiel.  
Mãos nodosas sobre um casaco filamentososo.  
Fisionomia bentônica. Postura túrgida. Olhar zanago.  
Cara coberta com ervas pálidas amarelas e, sob elas, arroxeadas pedras  
entre as quais o rabo vermelho de um lagarto se esgueira, como se  
falar pudesse...  
Mas qual retrato tem o mérito da aparência? Pergunto a uma Rainha  
que vive sob céus de safira. Não espero resposta e logo lhe desvendo:  
1 jovem versado em ciência profana com a própria mão pintou seu  
autorretrato, como signal daquilo que sentiu em um momento de  
transubstanciação.

Ω Θ Δ Σ

Pintor de cenas teatrais, criador de destinos imprevistos.  
Pintor Valete de Copas e ao mesmo tempo embaralhador  
do improvisado baralho da sorridente Dama de Espadas.

Ω Θ Δ Σ

O Boticário sonha um rosto de modelo em sépia. Ele trabalha o dia todo em seu cafarnaum\* entre fumos, mofos e poeira, o que torna seu sono instável.

O rosto da modelo é marrom ocre, e ele não atina com o significado do sorriso, que não bate com os olhos e os olhos com a linha do nariz não alinham, e este com a boca o ângulo não condiz; embora o rosto seja belo e seu olhar atraente, o todo lhe escapa, a fisiognomia não encontra par no reino animal, apenas nos estratos fantasmagóricos se acham correspondências...

É bela a modelo com seu ponto negro de beleza, mas ambíguo em demasia seu olhar, mas paradoxal demais seu sorriso. Sai do balão do pensamento, como cúmulos, a face enigmática logo acima da cabeça cheia de fumo do Boticário deitado na cama, repousando em travesseiros de plumas. E lhe pesa como âncora de chumbo sobre uma orelha um grande sinal de interrogação cujo ponto inferior se aloja lá dentro entre martelos, estribos e tambores, fazendo a algazarra da dúvida.

Como definir esse rosto? O de uma pura se fazendo de prostituta ou vice-versa? A culpa da dúvida reside, sem dúvida, nos olhos de pestanas pesadas tão carregados de rímel, de sobranceiras de antimônio como linhas de Max Beckmann; olhos de puta sobre um sorriso de despossuída.

\* cafarnaum é o local onde há substâncias venenosas que matam beldades licenciosas.

Ω Θ Δ Σ

Passou,  
e entrou no restaurante de portas de vidro.  
Era como se tivesse entrado em uma Alegoria.  
Era como se agora estivesse dentro da Pintura,  
misturado aos *putti*, aos ícones, às auréolas, aos cajados com serpentes, aos pés com asas, às cabeças coroadas, às espadas ensangüentadas, cercado de bandeiras, mastros, estandartes.

Agora morador desse quarto apertado, atulhado de mobílias antiquadas.  
Agora ator desse estado-de-coisas emblemático.  
E dentro dele comportava-se de maneira apropriada:  
metia-se com ávidos brutescos,  
movimentava-se sob o desígnio de arabescos,  
vestia-se com a fantasia de grutescos.

Tudo porque  
desviava do riso incorporando seu personagem;  
se escondia da deformidade vestindo seus trajes;  
se via nas portas de vidro comendo seu almoço:  
os maxilares mascavam sua mensagem cifrada.

Ω Θ Δ Σ

Parecia ser uma pessoa com alma,  
mas não, era um artista  
e artista não tem alma, só crista!  
O diagnóstico “monomania”  
havia sido escrito pela enfermeira  
na anamnese em magnífica caligrafia!  
Pensava que era um trânsfuga,  
descobriu-se explorador  
de alucinações com sabor a remédio.

Ω Θ Δ Σ

O enigmático astrônomo esculpe no pensamento  
um zodíaco de misérias:  
nuvens de oceano em céu de caçadores  
e uma revoada de pássaros de fogo.  
Uma medusa se delinea sobre a vidraça  
de uma coleção de objetos informes:  
igual a um carro com rodas de olhos  
e uma multidão em suas pupilas vanglórias.

**Ω Θ Δ Σ**

Senta-te na varanda, ó sonhador  
Senta-te na varanda, ó sonhador, e observa o movimento das formigas  
com asas, o contra-fluxo dos micos despelados, o ameaçador oscilar da  
cauda do escorpião. Observa as posições das duas esferas, no inverno e  
no verão. Meça o índice pluviométrico na estação das águas e a massa de  
pó na estação da seca. Observa o movimento dos planetas disfarçados  
em estrelas. Observa o ondular dos galhos e conte o número de folhas  
caídas no teu quintal. Meça a distância da tua sombra nas duas 6 horas  
dos 2 dias equinociais. Pesa a massa do presente e contraponha ao  
volume líquido do passado.  
Ver, atentar, relacionar, e só depois concluir.

**Ω Θ Δ Σ**

Teu rosto se desdobra em torres,  
se desfaz e se reconstrói  
em contato com o texto,  
ator  
de uma peça insossa,  
teus músculos se contraem,  
os nervos fazem nós, criando sulcos, grotas, grutas.

Coração sensível à mínima agulhada,  
teus olhos se afogam em água,  
mas calas quando deves calar.  
Pelos sucessivos estágios  
da alegria, depois surpresa, susto e desamparo,  
teu rosto espelha e sustenta cada frase não falada.

Ator de um teatro mudo,  
mimas o imundo gato que escarifica tua face  
recria teu perfil, nele se conforma, tinge tua tez,  
cola nos lábios um sorriso às vezes medonho,  
amassa um nariz que treme e escorre ranho.

Ator-cavalo do cavaleiro personagem,  
sincero ódio ao antagonista  
incendiário da tua tecelagem.  
Ator que pela protagonista se apaixona,  
trai o dramaturgo, deturpa e destrói o texto,  
o ponto e a linha sobre o plano da trama:  
o mapa agora perdido do perdido tesouro  
da ilha perdida.

**Ω Θ Δ Σ**

A. O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA (OU ÜBERSEHEN)

Do úrdimento do teatro  
vejo, trepado como morcego,  
a úrdidura da trama humana.  
Sobrevejo o mundo visionário  
da cena. Atores se corroendo...

Embaixo, no subterrâneo do teatro,  
noto no coro cabeças calvas e nuas  
espáduas atuando na tragédia gasta.

Sobranceio.

Uma personagem vê pairar diante dos olhos,  
tão perceptível como se fosse possível pegá-lo,  
a imagem do ator que vai representá-la.

O proscênio desaba  
– “não vi a hora, olhava pr’outro lado,  
supervisionava a garganta profunda  
debaixo da boca de cena”.

A orquestra se dissipa,  
o maestro esbofeteia o diretor,  
espectador ideal eu sou.

Porém, de viés, esconso  
se me apresenta o cenário,  
telão que lembra um montanhoso e solitário vale.  
A arquitetura do pano surge  
como luminosa configuração de nuvens  
entre as quais etílicas bacantes cantam:  
hostes declamando de dentro de outros corpos estranhos,  
cavalo em cavaleiro transformado,  
caveira na máscara imbricada. >>

No momento do impasse nós são desatados,  
polias são rodadas e eu sou trazido abaixo,  
*machina* em meio à fumaça,  
para, fibra por fibra, ürdir com minhas mãos de asas  
a tapeçaria que retrata o processo mesmo da tecelagem.

B. CRAMULHANO (OU A NOVA COMÉDIA)

Que demônio é esse que se atreve a derramar  
na estrada de chão a poção mágica das leis?  
Que lutador é esse  
que com um magnânimo murro  
derruba o pedestal  
do busto de um deusinho  
besta e banal?

Um monstro defeituoso, não obstante,  
olha o mundo e o compreende.  
Monstro em pé  
na carroça das rodas lógicas.

Tem como esposa  
a formidável força natural  
emparedada como n’O Barril de Amontilado;  
a cadela cínica e furiosa  
ao leme da canoa apinhada de crias.  
E, não obstante ser furiosa e cínica,  
também olha e compreende o mundo,  
com a mão direita nas rédeas  
e a mão sinistra no látigo dos sofismas,  
açoitando cicatrizes,  
cria a comédia do dia-a-dia.

Ω Θ Δ Σ

## O TEAR TÁCTIL DO TECELÃO MODERNO

*Para Ana Hartley*

O Tecelão Moderno parece trabalhar às cegas  
sem um cartão como base  
mas tem à frente um espelho  
de onde tira sua guia.

O tecelão senta, cruza fios de lã de ovelhas  
com linhas do linho da linhaça.

Reinos entrelaçados com casamento  
em acordo tácito em paz tratado.

Gráfico xy matemático  
das coordenadas tramas  
com as abscissas urdiduras.

O tecelão desenvolve formas, com a pele fina da ponta dos dedos  
esculpe escultura de superfície. Como um rio inundando lentamente  
uma cidade surgem, então, rodapés, tomadas, infiltrações, estantes,  
livros, gavetas, cadernos e lápis, até chegar às janelas que se abrem  
para um jardim imberbe.

A tapeçaria tem o tamanho da oficina e parece receber a projeção do  
tear que lhe criou. O tecelão não sabe o que está por fora, pousado na  
tapeçaria, embora saiba ponto por ponto tudo o que está por dentro  
dos fios entre-urdidos.

Agora a tapeçaria é colocada no cubo branco onde receberá a saliva de  
milhares de escolares, e, hoje, é quase permitido tocar-lhe.

**Ω Θ Δ Σ**

## O DESENHISTA

Ele, o sujeito,  
divide o corpo em partes  
e destas partes, partículas,  
número sobre número.

Encontra os modos da figura,  
suas proporções mútuas  
e inumeráveis comparações de linhas,  
além do céu, além de todo limite.

Pensa algo mais antigo que qualquer tempo  
e algo mais vasto que qualquer lugar.

**Ω Θ Δ Σ**

## O LÁPIS PRETO

Não é com o que agora escrevo “lápiz”,  
mas lá está no meu altar:  
ponteiro de plumbagina  
para escrever ou debuxar.

Vestido de cedro-da-califórnia  
ou de jacarandá-da-bahia,  
o chumbo, a argila,  
o pó-de-fumo, a grafita.

Sextavado para não cair no chão  
ou cilíndrico para deitar e rolar  
brinca entre os dedos do revisor  
ponta afiada de apontar erro gráfico. >>

Lápis-lazúli, pedra azul ferrete,  
puro carvão envernizado,  
carbono de alcatrão encharcado.  
Labora sobre o alvejado  
os desígnios, o traço.

Faber-Castell Hardtmuth,  
Diamante-negro Koh-I-Noor.

ΩΘΔΣ

#### ILUSTRAÇÃO NEUROLÓGICA

Fixação implícita  
na destruição sempre móvel.  
Vem da obscuridade sua apreensão,  
efêmera sua forma  
e noturno seu modo.

Espadachim contra seu próprio braço.  
Desenhista, apaga o desenho do seu rosto  
e desenha outro.

Carrega incansável  
o caráter sonhado;  
dupla teia entranhada  
vista por uma só lente  
opaca e furada.

Diagrama esquemas de pensamento:  
papel e pena fotografando a cena.

ΩΘΔΣ

Beardsley, máquina de desenho,  
Wittengstein, máquina de pensar.

2 elegantes motos-contínuos  
criam volutas, um no papel, outro no ar.

Para que uma dessas máquinas funcionasse sem parar, seria necessário  
que uma das engrenagens tivesse perdido a trava, *i.e.*, que uma  
pressuposição qualquer fosse considerada inquestionável.

O mecanismo 'infinito' sempre acompanha a palavra 'possível'.

Um moto-perpétuo está sempre acoplado a uma regra, do tipo:

para que Beardsley pudesse desenhar sem parar  
seria necessário tê-lo ligado a uma hidrelétrica oceânica,  
que desaguasse na quina de um mundo achatado.

ΩΘΔΣ

*À Giacomo Burcardo, o Saltimbanco*

“o que fazem estes homens no pico da montanha não-congelada?”

Alojaram-se a meio caminho do alto da montanha, no antigo monastério  
lombardo. Dalí, entre carvalhos e castinheiros antigos que se espalham  
pela íngreme encosta, avistou todo o sul da Toscana e, ao longe, as  
altas torres de Siena. A escalada do pico mais alto, deixou-a a cargo de  
seus comparsas, aos quais se juntou um orador veneziano. Lá em cima  
encontraram 2 portentosos blocos de pedra, dispostos um sobre o outro  
– talvez o altar sacrificial de um povo primitivo – acreditando avistar,  
para além do mar, a grande distância, a Córsega e a Sardenha. Sentindo  
o magnífico ar fresco do verão, entre carvalhos e castinheiros antigos,  
sobre a verde relva sem espinhos a arranhar os pés, nem insetos ou  
cobras a incomodar, desfrutava o mais feliz dos ânimos. Decerto ocorria  
aos cachorros nas redondezas espantarem um portentoso cervo de seu  
esconderijo; via-se-lhe, então, defender-se com as patas e as galhardas  
galhas e fugir montanha acima. >>

À noite, costumava sentar-se em um ponto do qual avistava-se o vale de Paglia para manter alegres conversas. Os que se aventuravam a caçar montanha abaixo, lá encontravam calor insuportável e tudo queimado – um verdadeiro inferno de coivaras –, ao passo que lá, cercado de verde e ar fresco, parecia a morada dos bem-aventurados.

Tais prazeres são, em essência, puramente modernos, nada devendo à Antiguidade Clássica.

ΩΘΔΣ

OS NABIS

A organização da seita dos profetas era constituída por um Grão-Mestre que possuía o Talismã: era o Profeta da Barba Rutilante. Seu mais direto colaborador era o Profeta dos Belos Ícones. Também havia um profeta muito alto e por isso era chamado Obelisco, e um que havia nascido em outras plagas, era o Estrangeiro. A ordem era defendida pelo Profeta Soldado e iluminada pelo do Sol Nascente. As despesas controladas pelo Profeta dos Números e das Medidas e o portão ficava aos cuidados do Guardião do Templo, cuja decoração ficava a cargo do Profeta dos Rendilhados. O lado mais animal da seita tinha seu ordenamento pelo Profeta da Seiva Sensual.

Todo templo é uma espécie de cárcere coletivo, e o ateliê, um cárcere privado.

ΩΘΔΣ

CHAMAMENTO

Devemos criar a Associação dos Criadores Isolados (ACI).

Unir em grêmio todos aqueles que criam em total isolamento. Um dos objetivos é criarmos um eremitério: para os eremitas haverá de haver um cemitério! Delimitaremos o tópos dos misantropos: uma forma de sermos diferentes sendo do mesmo jeito.

ΩΘΔΣ

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO

“Vós noteis que reverenciei os retratos na Galeria dos Membros da Academia, pois devo respeito aos mortos muito mais do que aos vivos.

As obras do passado nos escutam mais do que falam; mas falam, por mais que eu, surdo, me iluda. Falo para os meus antepassados e falo também para o futuro, para os netos dos meus filhos. Reverencio os retratos da Galeria dos Mortos e dos Não Ainda Nascidos. O Passado é oráculo, o Futuro, onde deságua e o Presente, apenas um báculo; e se piso com tal cajado no mármore da Academia, é que nas costas trago uma coleção de atlas, e ele me pesa, fere e peja-me os passos. Entro no saguão da Academia forrado, estofado de papéis raros e imagens inusitadas, dando a mão a um adjutor fantástico. Piso o mármore e sinto cheiro fresco de cadáveres: um cemitério inteiro me sustenta, cheio de víveres, verdes, viventes”.

††††

...E ESSE FOI O FIM DO ENGENHOSO MARAVALHAS, CUJO ESQUELETO FOI  
CANONIZADO E CUJAS PINTURAS, DISPERSAS PELOS PALÁCIOS, AINDA  
HOJE HORRORIZAM OS DE ESÔFAGO DELICADO.

†††††

**EXPERIMENTAL**  
*Um experimento mental*

## **EXPERIMENTAL**

É um livro composto de pinturas experimentais propriamente ditas, realizadas a partir de manchas e/ou gestos não intencionais, e de feticharias (= fetiches + feitiçarias), objetos auto-sustentáveis ou pinturas para paredes, realizadas com materiais os mais diversos. O termo “interferente” significa que a obra foi realizada a partir de alguma imagem impressa apropriada pelo autor.

Abaixo, as abreviações das técnicas e materiais:

1. OSMD  
tinta óleo sobre materiais diversos: madeira, papel, MDF, metal, vidro, plástico, Durepox, Eucatex, compensado, madeirite, espuma expandida, resina poliéster, cerâmica, gesso, bronze, plastilina, acrílico, PVC, borracha, fio, inseto, aracnídeo, ovo de réptil, cabelo, osso, pedra, rolha, cera, arame, cascas de verniz, tinta e cola, pano e tela (a desvendar);
2. OST  
tinta óleo sobre tela;
3. OSP  
tinta óleo sobre papel ou papelão;
4. OSM  
tinta óleo sobre madeira, compensado, MDF ou madeirite, eucatex.

As medidas são: vertical x horizontal x largura em centímetros (“d” equivale a diâmetro).



4 SÃOS EXPEDITOS; 17X34; 2010; osmd.

<< BABALORIXÁ BOBO; 40X13,5X13,5; 2011; osmd.



STAGE DESIGNING; 19X23,5; 2009/2010; osmd.



PEIXE PRETO BOIANDO DE FRENTE À PALIÇADA; 25X20; 2007; osp+osm.



JUÍZES COBRAM SUA PARTE; 40X13,5X13,5; 2011; osmd.



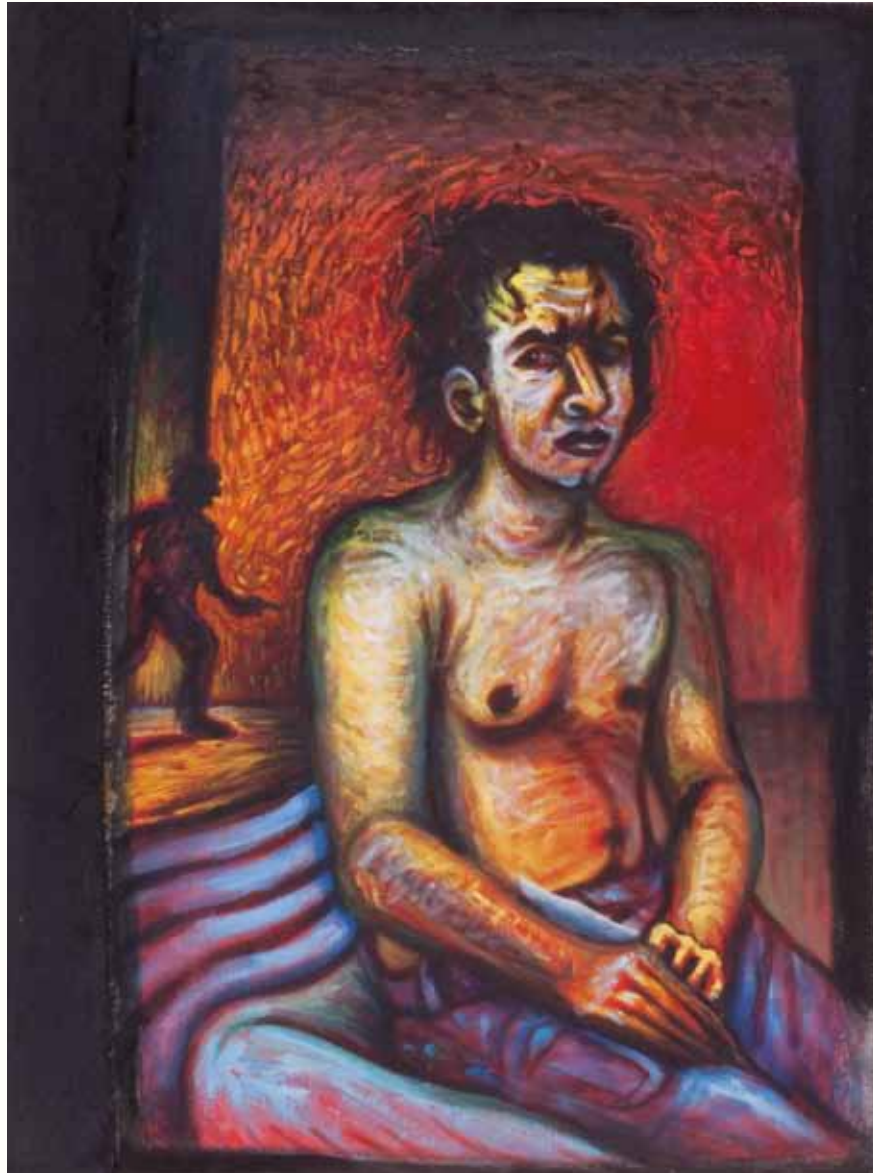
SALTADOR DE OSSOS DE PÁSSARO; 23X18; 2009; osmd.



NEGA MALUCA COM FREIOS DE CAVALLO; 21X31; 2010; osp.

VACA PROTÉICA; 24X37; 1989/2011; osp.

ESCONDENDO O PORRETE, O ELEGANTE; 2002; 16X10; osm. >>



NELSON E O FACÍNORA; 80x60; 2007; ost.

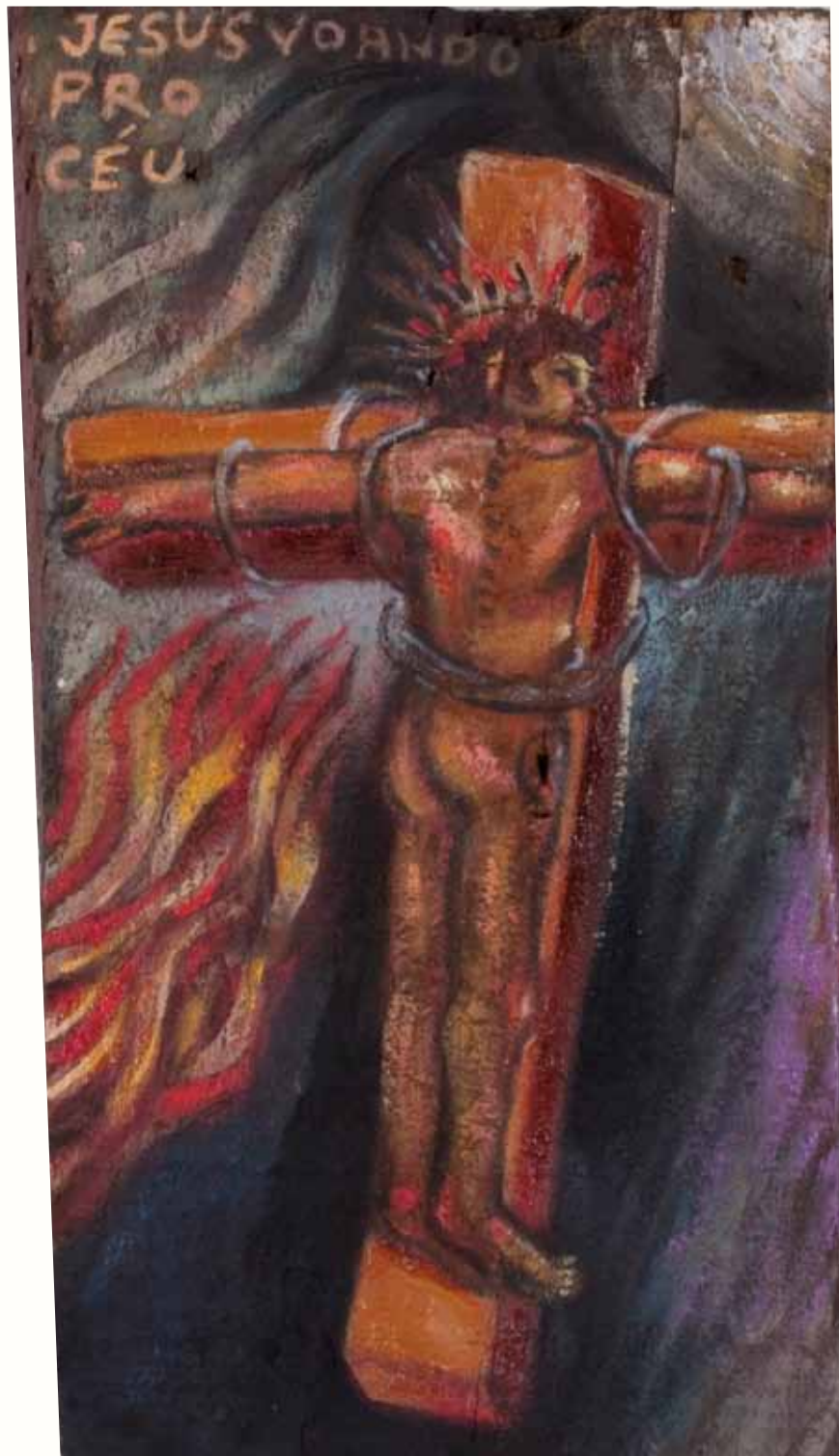
ALCOÓLATRA TUBERCULOSO; 19X12X12; 2011; osmd. >>



BACKGROUND DA SEDUTORA BRUXA; 28X15,5; 2002; osm.



SEDUTORA BRUXA; 25X7X14; 2002; osmd.



OS DOIS PULMÕES DO FUMANTE; 15X11X13; 2011; osmd.

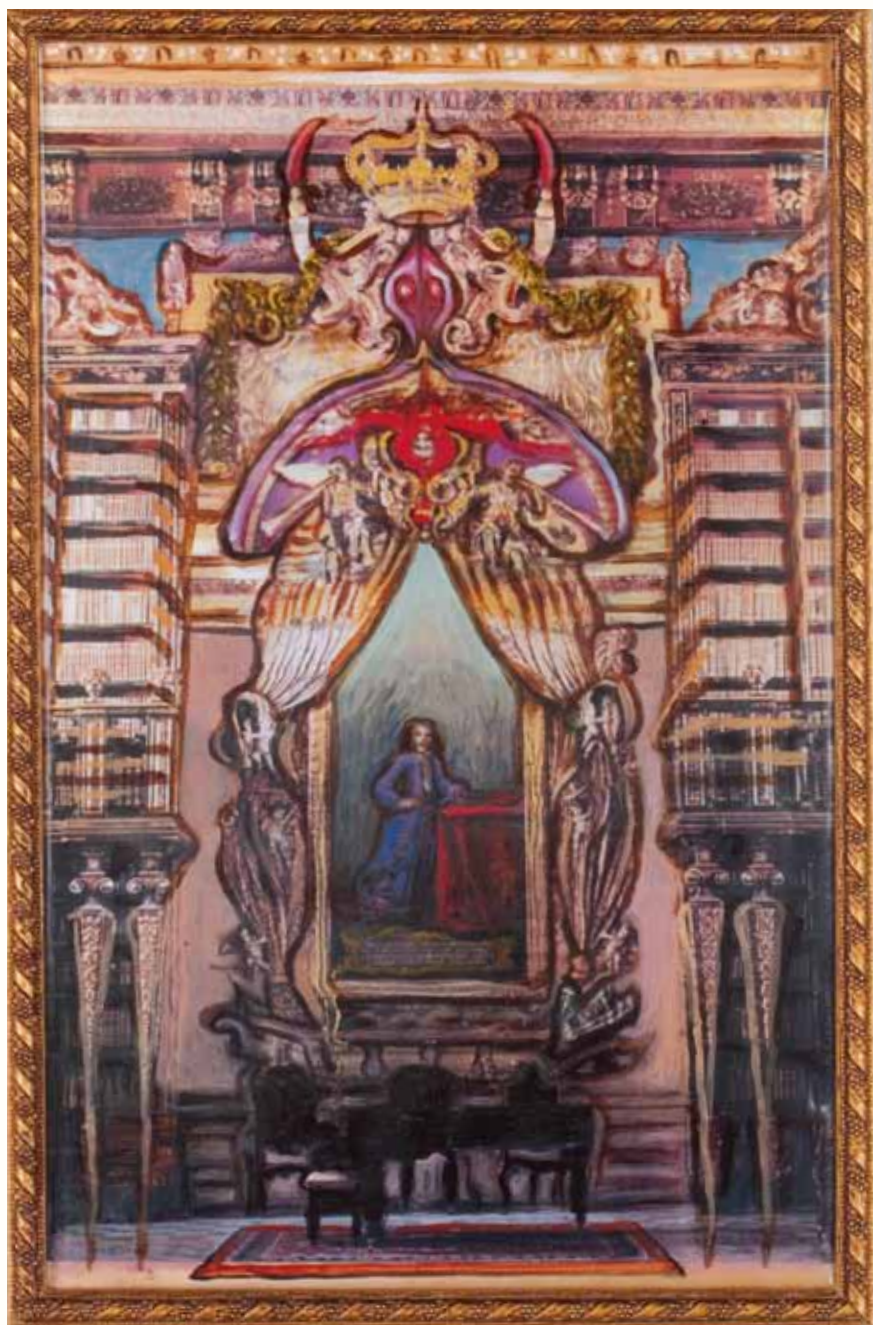
<< JESUS VOANDO PRO CÉU; 28X15; osm.



TRÍPITICO PORTUGUÊS 1; 31X21; 2009; osp.



TRÍPITICO PORTUGUÊS 2; 31X21; 2009; osp.



TRÍPTICO PORTUGUÊS 3; 31X21; 2009; osp.



O HOMEM SE MEDE PELO SEU CACHORRO; 27X24X4; 2011; osmd.



ACAMPAMENTO COM METAMORFOSE EM JACARÉ; 23X50; osp.

AS DUAS JANELAS DA MASMORRA; 27X42 ; osp.

NARCISO E SEU ESPELHO CEGO; 20X17X10; 2011; osmd. >>



IDÓLATRAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA; 5X D 11; 2011; osmd.



O PIERROT ASSUSTADOR; 47X37,5; osp.



CIRCO MARIMBONDO, CIRCO MARAVALIAS; 99X152; 2009; ost.  
RITUAL COM FEITICEIROS DO FOGO; 25X49,5; 2011; osm.  
MACACO-ROLHA; 16X7X6,5; 2009; osmd. >>





SHRINE COM MÓVEL ILUSÓRIO (APRÈS FARNESE); 33X27; 2010; osmd.



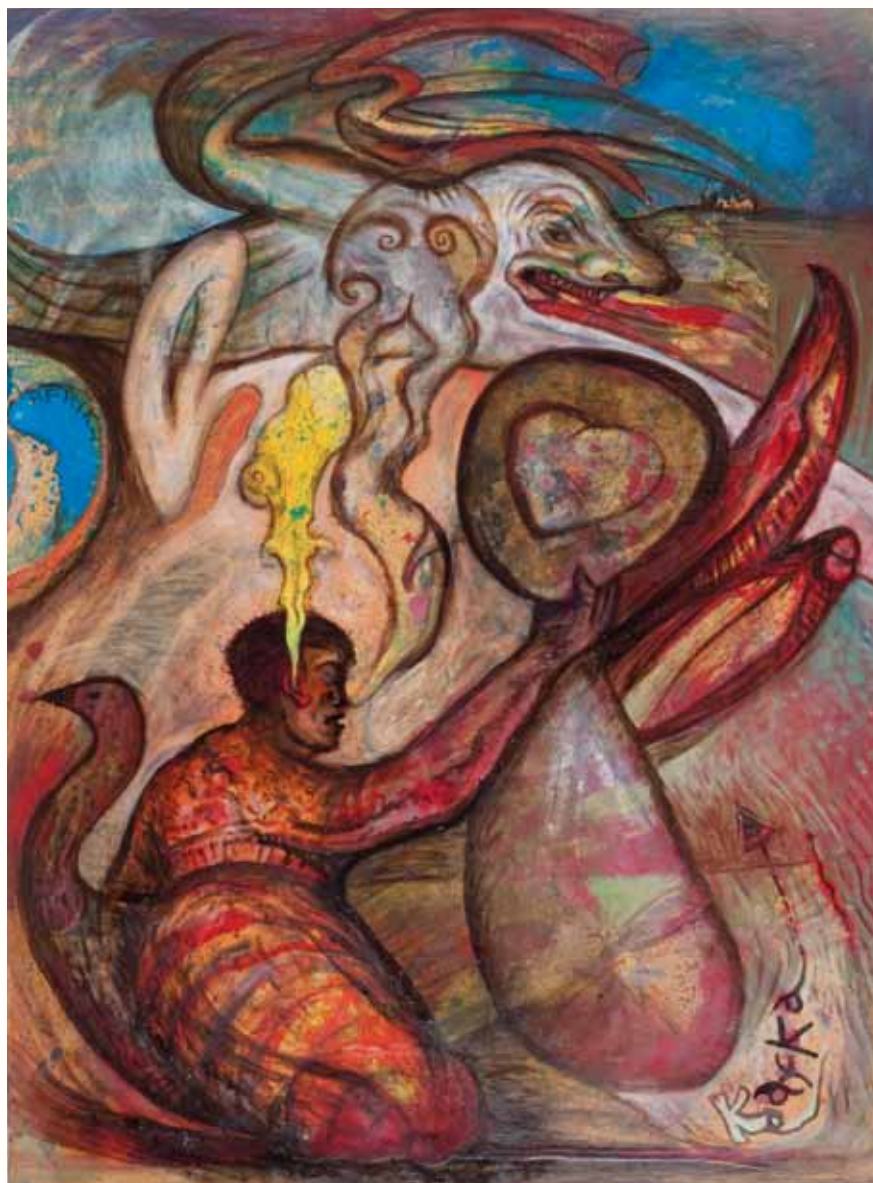
A BRUXA NA SUA CASINHA; 18X20X7; 2011; osmd.



IMENSO ARACNÍDEO; 12X16X14; 2011; osmd.



LEO E SAVANAROLA; 80X60; 2007; osm.



ÁFRICA KAFKA, KAFKA ÁFRICA; 80x60; 2007; osm.



MARQUE TWAIN; 60,5x80; 2007; osm.



ONÇA-INCÊNDIO; 80x60; 2007; osm.

ESMOLER; 163X45X30; 2011; osmd. >>

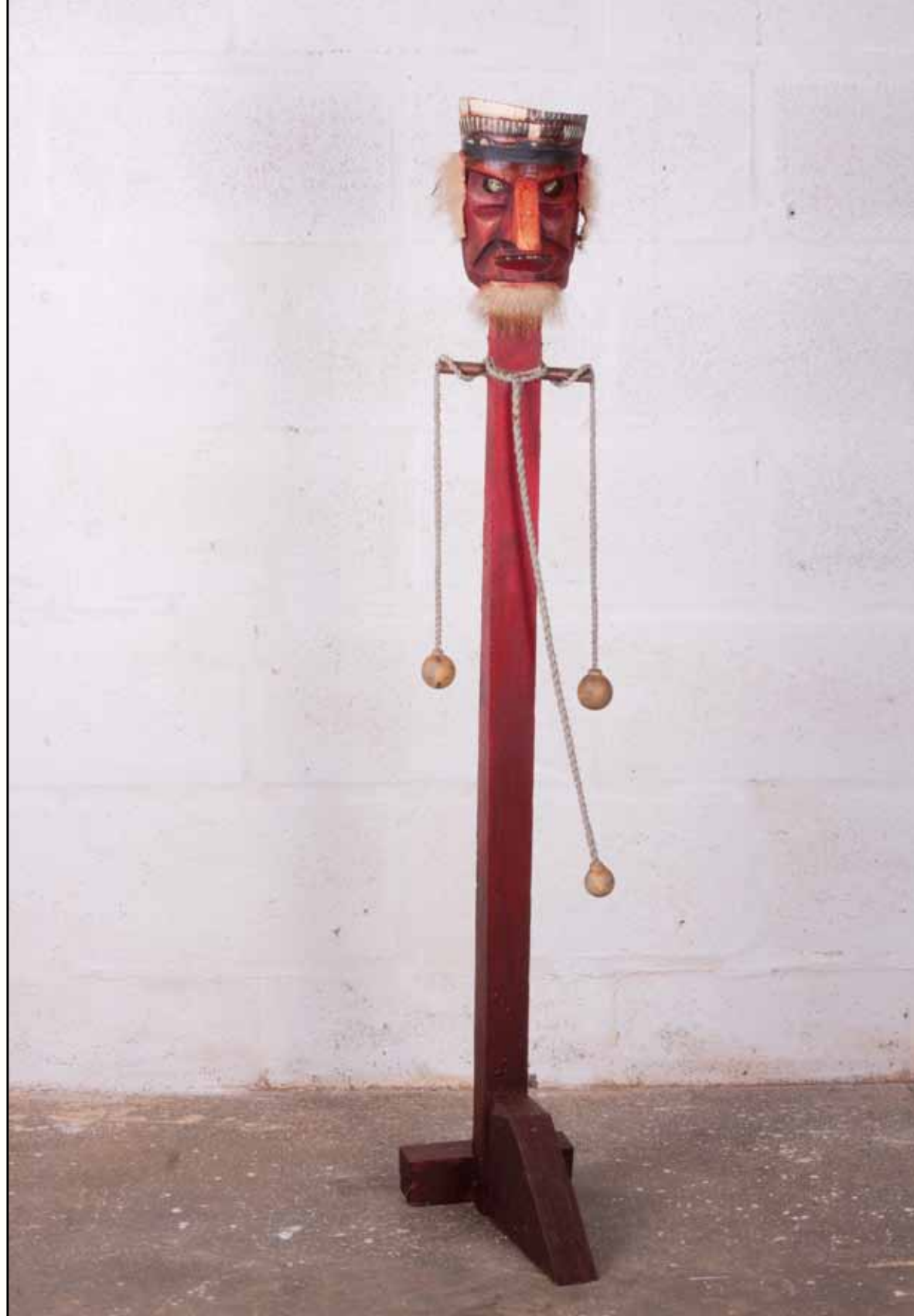


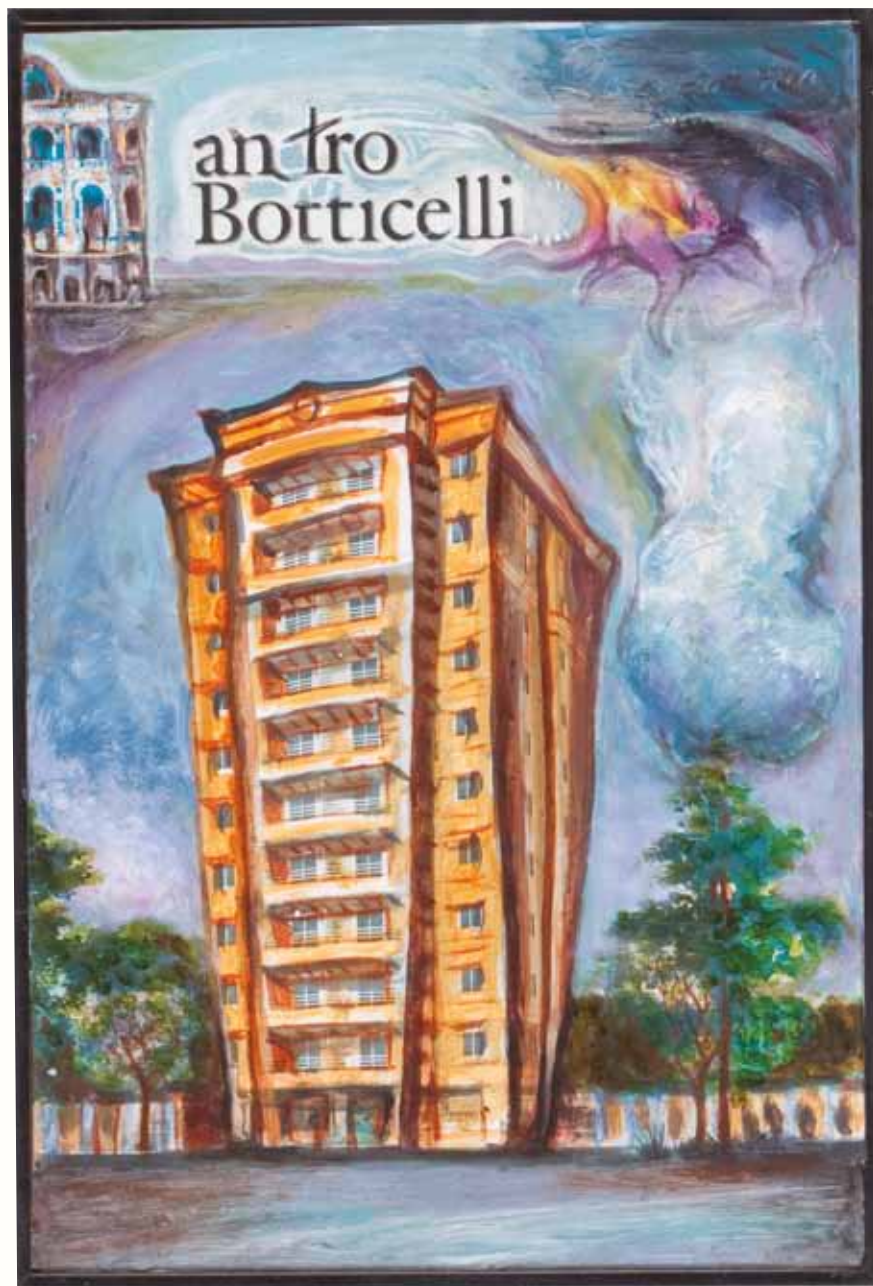


SCARLET E PENÉLOPE; 18X27; 2010; osp.

A RESTAURAÇÃO DE UM ALEIJADINHO; 24X33; 2010; osp.

ZINÁBRIO; 115X18,5X32; 2011; osmd. >>





ANTRO BOTTICELLI; 31X21; 2010; osp.



CASA FIAT LUX; 9X11X9; 2011; osmd.



TELA-LOUSA SIMPÁTICA COM CENA DE ASSASSINATO BÁRBARO; 13X16X10; 2009; ost.



PEGANDO CARONA NO BARCO NO MYSTYK RIVER; D 90; 1990; osp.



LUTA NA AURORA BOREAL; 14X35,5; 2011; osm.

PANTERA-INCÊNDIO (PESSOAS INTELIGENTES GOSTAM DE PINTURA IDIOTA; PESSOAS IDIOTAS GOSTAM DE PINTURA INTELIGENTE); 108X36X160; 2011; osmd.

MENINOS DA NOVACAP; 100X60; 2009/2010; osp. >>



TEVÊZINHA-FERRAMENTA; 10X7,5X2; 2002/2007; osmd.

<< O RESGATE DA VIATURA VOADORA; 15X10; 2009; osp+osm.



DESIGN DE INTERIOR COM PINTURA CONTEMPORÃ; 2009; osp.

CANIBAL 1; 115X63X48; 2009; osmd. >>





CABEÇA DE VIDRO; 21X9X9; 2009; osmd.



BELA APRISIONADA E COPO QUEBRADO MISTERIOSAMENTE; 16X28,5X3,5; 2011; osmd.



DUPLO JONAS; 25X20 (cada); 2005; ost.



ESCADARIA PARA O NADA; 66X96; osp.



RELÓGIO DAS HORAS AMARRADAS; 17X19,5X2,5; 2008; osmd.



MEDONHA DA METRÓPOLE; 76X65,5; 2009/2010; ost.



MATANDO O GATO PRETO; 26X33; osp.

<< MENDIGO DESENGONÇADO; 23X5X16; 2002/2008; osmd.



BISPO ERETO; 25X10X18; 2010; osmd.



PASTORA MARSUPIAL; 40X15X15; 2011; osmd.



AFRESKO DE GESSO; 14X23X19; 2009; osmd.

BONEQUINHO NO ARMÁRIO; 24X12; 1988/2011; osmd. >>





HERBÍVORO; 20X15X14; 2009; osmd.



CARA DE CASA DE MARIMBONDO; 39X37,5; 2010; osmd.



247; 33X60; 2009; osp.

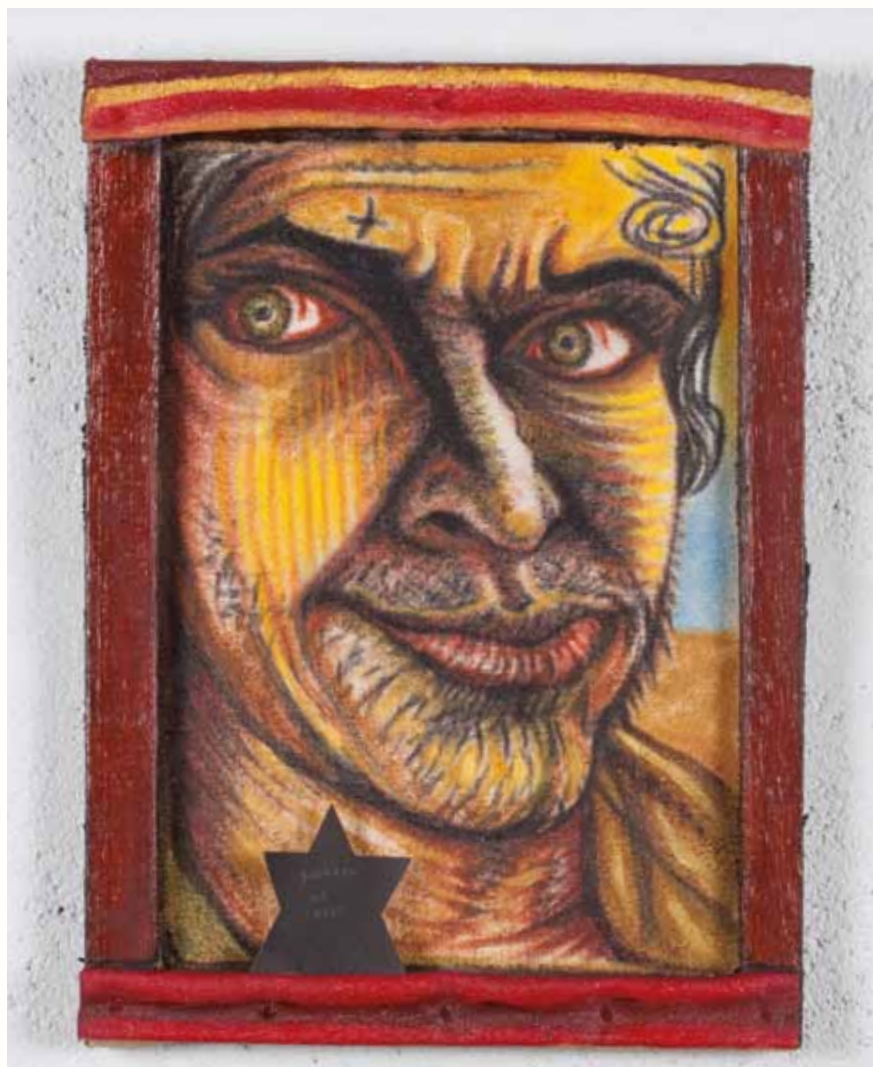
<< SOLITÁRIA NA TURBINA; 34X32; 2010; osp.



AS 3 MÁQUINAS BÁSICAS PARA EXTRAÇÃO DE MINERAIS; 34X64; 1990/2011; ost.  
OPILIÃO; 55X84; 1989; osp.



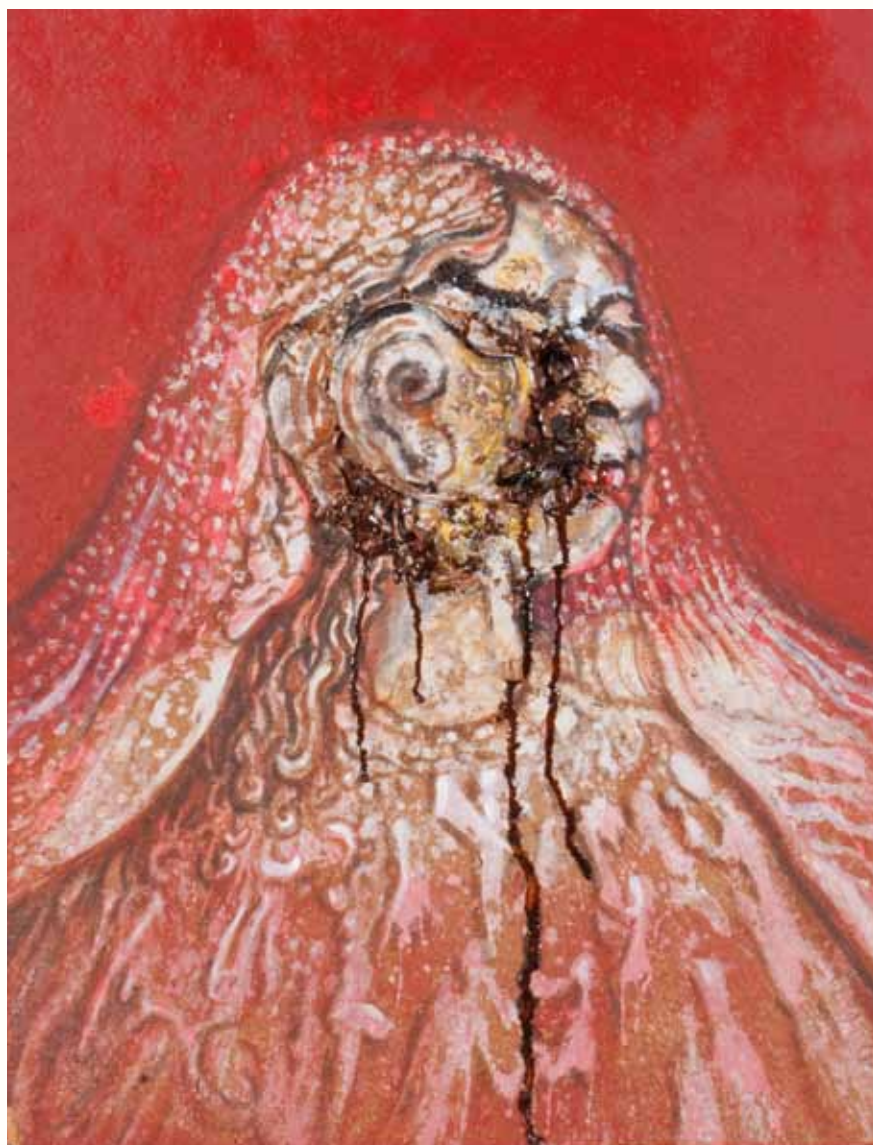
PAISAGEM ONÍRICA COM TRANSATLÂNTICO E MOEDA DE DITADOR; 24X30; 2011; osmd.



EU COM LINHAS E ESTRELA DE DAVI; 33X24; 2002; ost.

O ESTUPRADOR NELSON; 51X71; 2004; ost. >>

RUFIAO NELSON (DAS 3 PENAS DE W.W. COLLINS); 70X87; 2004; ost. >>



NOIVA COM ÓLEO ESCORRENDO; 51X39; 2002; osp.



CANIBAL 2; 22X19; 2009; osmd.



ANDARILHO ARACNÍDEO NA MIRA DA LUNETEA; 18X25; 2011; osmd.



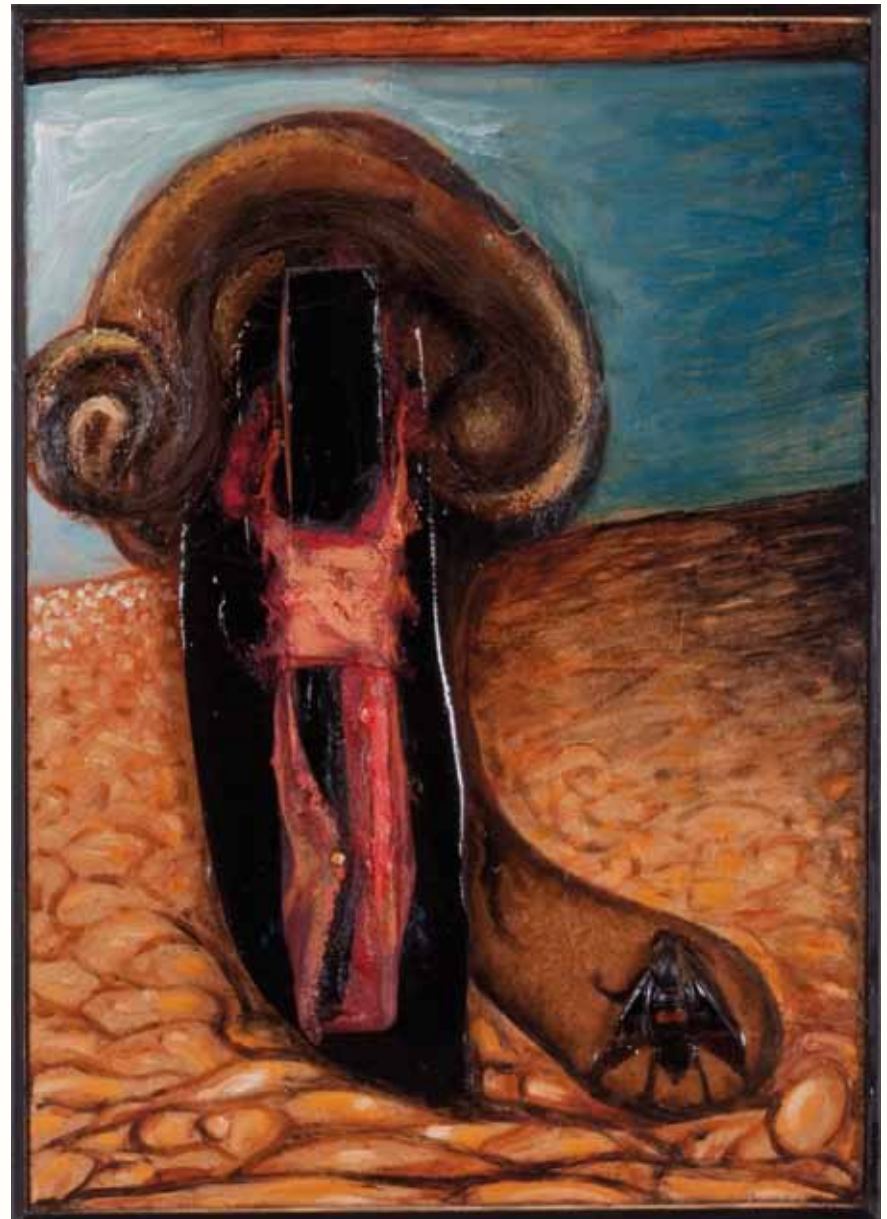
MULHER ALCANÇANDO A LUA (OU A DEUS) NAS ÁGUAS; 24X40,5; 2011; osmd.



OLHO COM ESPECTROS (COM RAUL E NEMO); 25X49; 2001/2011; osmd.



O OLHO DO OBSERVADOR; 26X37; 1988/2009; osmd.



BRUXA E BRUXINHA; 28X20; 2009; osmd.



S. JORGE, O DRAGÃO E O ELEFANTINHO; 14X18,5; 2011; osmd.

<< TABU DO FRITZ; 43X26; 2010; osmd.



CENA MITOLÓGICA COM 3 CENTAUROS; 41,5X61,5; 1990/2011; osm.



PÔR-DO-SOL E PERISCÓPIO; 50X56; 1988/2009; ost.



ELEFANTINHO NA ANTÁRTIDA; D 19; 2011; osmd.

RE-ENQUADRADO; 23X13; 2010; osmd. >>



*FUCKING HEADS*; 55X62; 1985; ost.



3 *DESGRAÇAS*; 22X30X14; 2011; osmd.



DUENDE NA CIDADE IMAGINÁRIA, ÓLEO S/ COPO DE VIDRO; 32 X 28; 2010; osmd.



GNU; 73X102; C. 1990; osp.



WARBURG & SAXL; 66X96; C. 1990; osp.



MORTE PESCADORA; 36X9X7; 2011; osmd.



O ESTUPRADOR E O ESTUPRADO; 95X170; ost.



ELEGANTE PRÍAPO; 28X12; 2011; osmd.



CASAL SE ENTRELHANDO NA LAGOA; 20X14X18; 2011; osmd.



RECEPÇÃO DE CASAMENTO; 20,5X30; 2010; osmd.

A ALEIJADINHA; 41X12X2; 2010; osmd. >>



SANFONEIRO; 32,5X22; 2010; osmd.

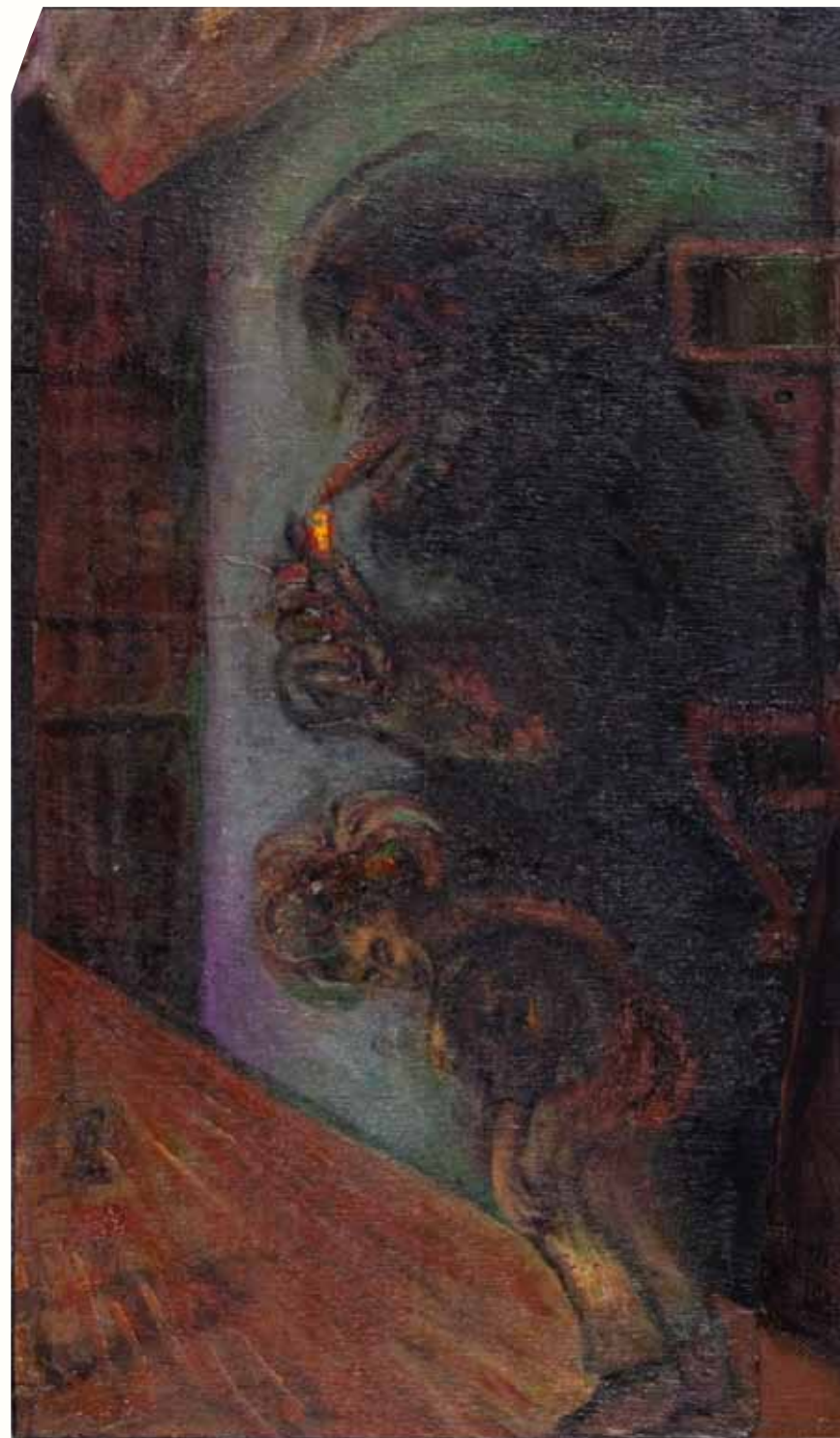
CASAL COM MULHER DECEPADA COM FACÃO; 48X62; 1988/2011; osmd. >>



CANALHA DA BOCA RASGADA; 33X78; 2010/2011; osmd.

GÉLÉDÉ; 27X62; 1988/1989; osmd.

<< EGUNGUN; 1998; 60X29; ost.



DEMÔNIO ENCARNADO SEGURANDO ÁRVORE; 2002/2011; 87X61; ost  
O GRANDE ENCOSTO UNIVERSAL INCENDIÁRIO; 63X37; osm. >>



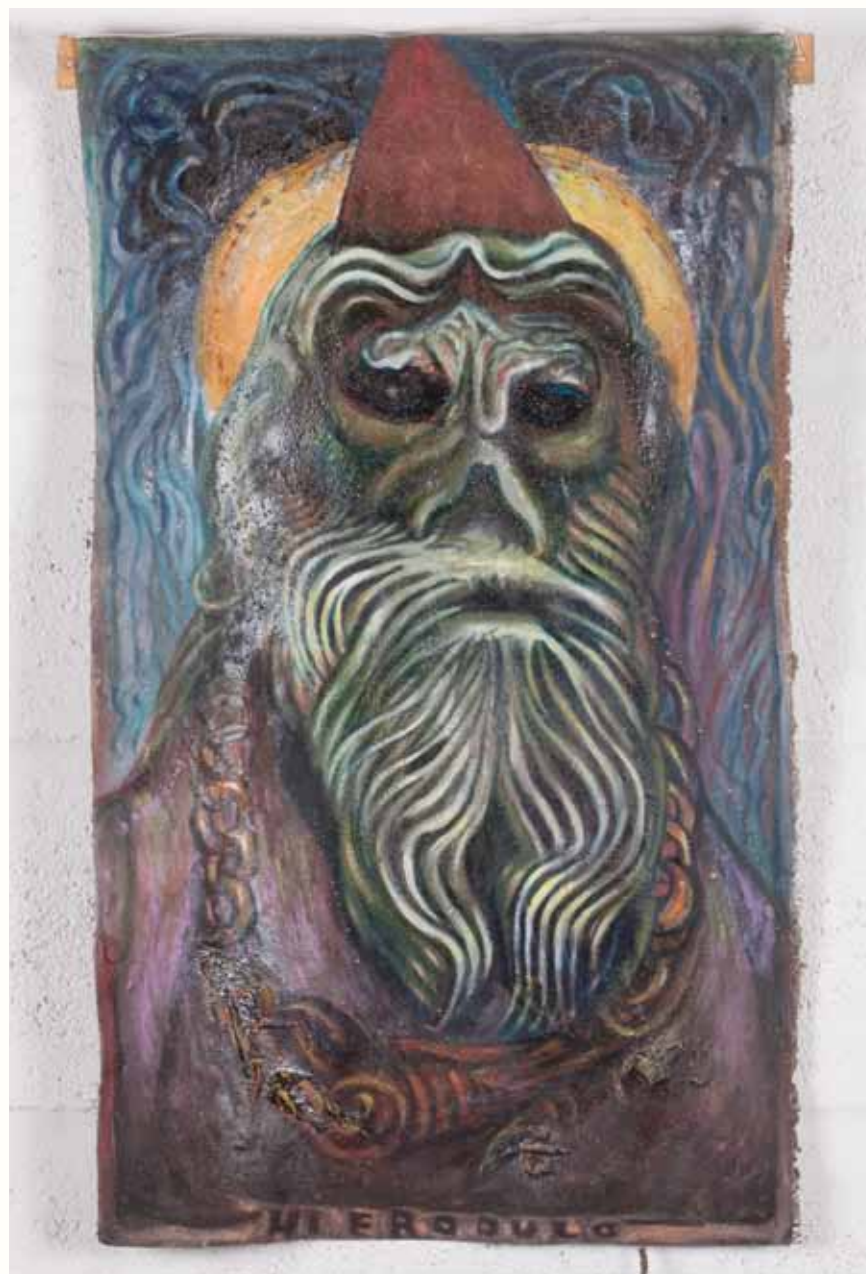
CHOPIN AO PIANO; 64X86; 1994; ost.



O CORAÇÃO NA PINTURA; 125X111; ost.



PAQUIDÉRMICO FALO; 66x96; osp.  
GATO VERMELHO; 66x96; osp.



HIERÓDULO; 70x41; 2009; ost.



TORCENDO ALGO; D 100; 1990; osp.

PONDO GEMA EM NINHO DE ARACNÍDEOS; 42X38; 1999/2005; ost. >>



PALEONTÓLOGOS NA PEDREIRA; 112X173; ost.

<< O FACÍNORA ANTON SUGAR CHEGA AO SEU PARAÍSO; 143X94; 2009; ost.



EU NA LAGOA MÍSTICA; 110X106; 1998/2011; ost.



DUENDE DE PATINS; 208X156; 1996; ost.



EDGAR ALLAN POE (A LITERATURA) E O LEITOR; 138X176; ost.



HALLUCINAÇÃO DE MASTIGAR PEDRAS; 160X171; ost.



MACNAVALHAS; 23X18X18; 2009; osmd.



ATIRANDO FORA O RATO; 115X155; ost.



BONECO-CARRINHO; 20X7X20; 2009; osmd.

<< DUENDE DA METRÓPOLE; 152X75; ost.



CENA FUTURISTA; 15X9; 2007; osmd.



2 NO PARQUE (BI-ZARA); 33X60; 2009; osp.

FÁBRICA DE MULHERES (BI-ZARA); 33X60; 2009; osp.



PAISAGEM ROMANA (BI-ZARA); 34X32; 2009; osp.



ERÍNEAS (BI-ZARA); 34X32; 2009; osp.



2 MAGRELAS (BI-ZARA); 34X32; 2009; osp.



BATISMO; 15X27; 2008; osm.



CARRO-CÉU; 22X19X15; 2009; osmd.



JOGO DE UMA SÓ PEÇA; 15X30X15; 2009; osmd.



DEMÔNIO NA TAÇA; 18XR8; 2009; osmd.



DUPLA-LUPA; 30X50; 2009; osp.



ATORES SÃO PALHAÇOS E PALHAÇOS SÃO ATORES EM LAVA DE SANGUE COAGULADO;  
2009; osp.



A 3ª ONDA; 24X24; 2009; osmd.



A MÃE DESESPERADA DE HENRY MOORE; 2009; osp.

<< GUSTAVOS DORÉS; 30X20; 2007; osm.



VEIGA VALLE VÊ VELHO GOIÁS; 2008; osp+ost.  
CÓPULA DE COBRAS; 62X84; 2009; ost.



SÃO NICOLAU E A SEREIA (PELA 3ª VEZ); 47X63,5; 2009; osmd.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM CHAPARRAL PRO. OS PAPÉIS UTILIZADOS NO MIOLO FORAM MAGNUM CHAMOIS BULK 90 G/M<sup>2</sup> E O COUCHÉ FOSCO 150 G/M<sup>2</sup>. NA CAPA FOI UTILIZADO O PAPEL SAPHIR 142 G/M<sup>2</sup>, NA GUARDA COLOR PLUS LOS ANGELES MICRO COTELÊ 180 G/M<sup>2</sup> E NA DUST JACKET COUCHÉ FOSCO 230 G/M<sup>2</sup>.

A IMPRESSÃO OFFSET E O ACABAMENTO FORAM FEITOS NA GRÁFICA ATHALAIA EM BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL.

TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES.